

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUIZA AMARO

**O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS NOS ANOS INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL:  
Há intencionalidade na docência?**

Porto Alegre

2025

LUIZA AMARO

**O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS NOS ANOS INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL:  
Há intencionalidade na docência?**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra dos Santos Andrade

Porto Alegre

2025

LUIZA AMARO

**O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS NOS ANOS INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL:  
Há intencionalidade na docência?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Profa. Dra. Sandra dos Santos Andrade – UFRGS (Orientadora)

---

Profa. Dra. Camila Peres Nogueira – UFRGS

---

Profa. Dra. Marília Forgearini Nunes – UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora/mãe, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra dos Santos Andrade, que, ao longo dos últimos dois anos, esteve ao meu lado oferecendo apoio incondicional, orientações valiosas, incentivo e cuidado nos momentos mais desafiadores. Sua paciência, sabedoria e amor foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa e para meu crescimento acadêmico e pessoal. Não há palavras suficientes para expressar a imensidão da minha gratidão por tudo o que você fez e continua fazendo por mim.

Às professoras que aceitaram participar desta pesquisa, oferecendo seu tempo e conhecimentos. Suas narrativas e experiência enriqueceram minha jornada e tornaram possível a conclusão deste projeto.

À minha tia, que me apoiou e compreendeu a necessidade de cada passo no longo processo que foi desenvolver esta pesquisa. Seu carinho e suporte foram essenciais para que eu pudesse seguir em frente, mesmo nos momentos mais difíceis.

Ao meu namorado, que, mesmo durante as noites em que estava trabalhando, encontrava tempo para abrir o computador, ler esta pesquisa e vibrar com cada passo que dei no desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu avô, que, do céu, sei que estará celebrando comigo a conclusão desta etapa tão importante.

A educação não serve para nos fecharmos no que “já somos”, serve para aprendermos a começar o que “ainda não somos”. (António Nóvoa, Yara Cristina Alvim, 2022)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 CAMINHOS DE PESQUISA</b>	<b>12</b>
<b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>17</b>
<b>4 CONHECENDO AS PROFESSORAS: NARRATIVAS DE SALA DE AULA</b>	<b>27</b>
<b>5 DO CONTROLE AO PENSAR CRIATIVO: FUNÇÕES EXECUTIVAS NA EDUCAÇÃO</b>	<b>30</b>
5.1 FUNÇÕES EXECUTIVAS EM SALA DE AULA	34
5.2 ENTRE PALAVRAS E PRÁTICAS: EXPLORANDO AS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS	36
5.3 MEMÓRIA DE TRABALHO	36
5.4 CONTROLE INIBITÓRIO	43
5.5 FLEXIBILIDADE COGNITIVA	48
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>62</b>
<b>APÊNDICE B</b>	<b>63</b>

## RESUMO

Esta pesquisa investiga se o desenvolvimento das Funções Executivas é estimulado nas salas de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e se as professoras percebem a intencionalidade de suas práticas pedagógicas no desenvolvimento dessas habilidades. Por meio de entrevistas narrativas com abordagem qualitativa, foi possível refletir sobre como as Funções Executivas são estimuladas no contexto escolar e analisar a consciência das docentes em relação às propostas que promovem esse desenvolvimento. Para isso, foram selecionadas quatro professoras das redes municipal, estadual e privada da região metropolitana de Porto Alegre para a entrevista que ocorreu de maneira presencial nas escolas em que as professoras lecionam. O trabalho se justifica pela relevância de compreender se as profissionais da educação têm recebido formação acadêmica ou buscado capacitação continuada em temas que integram neurociência e educação, reconhecendo a importância desse conhecimento para a prática pedagógica. Os resultados mostram a dificuldade de acesso à formação continuada como principal obstáculo para que ações que estimulem as Funções Executivas sejam realizadas de maneira intencional. Portanto, é urgente criar condições que favoreçam a formação continuada, incluindo a oferta de cursos flexíveis, materiais acessíveis e momentos de troca entre os profissionais da educação.

**Palavras-chave:** Funções Executivas. Escola. Anos Iniciais. Entrevista Narrativa.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AEE - Atendimento Educacional Especializado

FE - Funções Executivas

PUC - Pontifícia Universidade Católica

TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

TEA - Transtorno do Espectro Autista

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNIP – Universidade Paulista



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Pesquisa com os descritores "Funções Executivas" e "sala de aula"	15
<b>Quadro 2</b> - Pesquisa com os descritores "Recursos de Funções Executivas"; "sala de aula" e "Anos Iniciais"	16
<b>Quadro 3</b> - Pesquisa com os descritores "Funções Executivas" e "Anos Iniciais".	16
<b>Quadro 4</b> - Trabalhos selecionados após leitura do resumo.	18
<b>Quadro 5</b> - Trabalhos selecionados na plataforma digital Google Acadêmico com os descritores "Função Executivas" e "Sala de Aula" após leitura dos resumos.	22

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Fases principais da entrevista narrativa.	10
<b>Figura 2</b> - Cérebro com limite do córtex pré-frontal	25

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão é o resultado de cinco anos de estudo e dedicação ao curso de Pedagogia. Ao longo desse período, foram enfrentados inúmeros desafios e adquiridos conhecimentos que transformaram a minha prática pedagógica. Esta pesquisa reflete não só a assimilação de teorias e métodos pedagógicos, mas também a aplicação prática de conceitos que visam promover uma educação crítica e transformadora.

A primeira inquietação que motivou a escolha deste tema de pesquisa aconteceu durante a aula da Prof<sup>o</sup> Dra<sup>o</sup> Sandra dos Santos Andrade, intitulada “Inclusão Escolar e Prática Pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”. Na ocasião estava tendo o primeiro contato com o conceito de Funções Executivas e pensava no privilégio de poder ter acesso a tal conhecimento que impactaria na minha docência. Assim, comecei a questionar como planejar e desenvolver ações que tivessem como intenção estimular as Funções Executivas dos estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, já que passava a compreender o impacto dessas funções no desenvolvimento cognitivo das crianças.

Essa pesquisa tem como tema a relevância das Funções Executivas (FE) no desenvolvimento infantil, conceito que vem, timidamente, sendo propagado no contexto acadêmico e escolar. As questões que mobilizaram esta pesquisa foram: o desenvolvimento das Funções Executivas é estimulado nas salas de aula dos anos iniciais. O material empírico é composto por entrevistas narrativas e busco, através delas, refletir se as Funções Executivas são estimuladas no contexto de salas de aulas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e analisar se as professoras entrevistadas possuem intencionalidade no desenvolvimento das FE das crianças na sala de aula.

Apesar de Muriel Lezak (1982) ter sido a primeira a publicar sobre o termo “Funções Executivas,” Adele Diamond é uma das pesquisadoras que ajudou a consolidar o conceito de FE, e as define como processos mentais complexos que permitem ações direcionadas ao desenvolvimento de um planejamento voltado para a conclusão de objetivos ou tarefas, além de possibilitar o controle dos comportamentos, pensamentos e emoções (Diamond, 2013). A pesquisadora desenvolve um modelo em que as Funções Executivas de base são: Memória de

Trabalho, Controle Inibitório e Flexibilidade Cognitiva e “a partir desses, as FE de ordem superior são construídos, como raciocínio, resolução de problemas e planejamento” (Diamond, 2013, p. 136 *apud* Collins & Koechlin 2012, Lunt et al. 2012)<sup>1</sup>. As FE são habilidades presentes no córtex pré-frontal desde o nascimento e que chegam à maturidade cerca de vinte anos depois, sendo esse tempo variável. Por isso devemos auxiliar o seu desenvolvimento desde a primeira infância, “Sabemos hoje que, mesmo na tenra idade, consegue-se exercitar as funções executivas, embora não na mesma proporção de um sujeito adulto, em sua maturação completa” (Zardo, 2022, p.39).

A recente mudança no currículo do curso de Pedagogia da UFRGS oportunizou que as estudantes tivessem contato com o termo durante o curso de graduação com a introdução do estudo de Funções Executivas em disciplinas ofertadas pelo curso.

O caminho que essa pesquisa trilhou resulta em seis capítulos. No primeiro, a Introdução, situo a pesquisa. No segundo capítulo, intitulado Caminhos de Pesquisa, apresento a metodologia de pesquisa escolhida para responder a questão norteadora: é uma pesquisa de cunho qualitativo, que tem como metodologia para a construção da dados as entrevistas narrativas. Para embasar essa escolha metodológica, recorro à obra de Jovchelovitch e Bauer (2002), que oferecem uma visão ampla e fundamentada sobre as potencialidades e desafios dessa abordagem. Além disso, ao explorar os aspectos da pesquisa qualitativa, apoio-me nos conceitos apresentados por Silveira e Córdova (2009), que destacam a riqueza e a profundidade proporcionadas por essa abordagem. O capítulo não apenas descreve as escolhas metodológicas, mas também reflete sobre o rigor científico e a relevância das técnicas empregadas. Assim, destaco como as entrevistas narrativas possibilitaram compreender, a partir do relato das experiências e percepções das professoras participantes, as intencionalidades em suas práticas pedagógicas .

O terceiro capítulo, intitulado “Conhecendo as Professoras: Narrativas de Sala de Aula”, é dedicado à apresentação das professoras entrevistadas. Neste capítulo, são apresentados os perfis das participantes, destacando suas trajetórias profissionais e percepções no ambiente escolar. O capítulo também descreve o processo de realização das entrevistas narrativas, explicando como foram conduzidas.

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

A Revisão Bibliográfica, quarto capítulo desta pesquisa, apresenta uma análise aprofundada da literatura existente que também se debruça sobre a temática das Funções Executivas na escola.

O quinto capítulo, "Do Controle ao Pensar Criativo: Funções Executivas na Educação", faz uma exposição inicial sobre o conceito de Funções Executivas e como podem ser desenvolvidas em sala de aula e analisa as entrevistas realizadas com as professoras. Para a análise, utilizei excertos das entrevistas associando-os aos estudos teóricos empreendidos.

Nas "Considerações Finais", faço uma retomada do problema de pesquisa e dos objetivos e reflito sobre os principais achados da pesquisa, destacando suas contribuições para o campo educacional.

## 2 CAMINHOS DE PESQUISA

Para responder às questões de pesquisa: o desenvolvimento das Funções executivas é estimulado nas salas de aula dos anos iniciais? e as professoras entrevistadas percebem quando estão realizando propostas que desenvolvem as Funções Executivas das crianças, adotei a entrevista narrativa como metodologia de pesquisa. A escolha por essa abordagem metodológica se fundamenta no interesse em refletir e analisar as experiências das professoras no desenvolvimento das Funções Executivas básicas como, da Memória de Trabalho, do Controle Inibitório e da Flexibilidade Cognitiva dos estudantes. Acredito que “a narrativa deixa de ser vista como um mero recontar de eventos para ser entendida como algo que entrou na biografia do falante e que é avaliado emocional e socialmente, transformando-se em experiência.” (Paiva, 2008, p. 262). Jovchelovitch e Bauer (2002) explicam que a crescente utilização dessa metodologia está relacionada à conscientização do papel que o ato de contar histórias desempenha na representação de fenômenos sociais investigados.

Para essa pesquisa tenho uma abordagem qualitativa que, de acordo com Silveira e Córdova (2009), envolve a observação e o registro de manifestações humanas, como documentos, diários e entrevistas. Assim, essa abordagem está em consonância com a metodologia da entrevista narrativa, utilizada neste estudo, que permite “[...] a compreensão dos sentidos que produzem mudanças nas crenças e valores que motivam e justificam as ações dos informantes.” (Muylaert *et al*, 2014, p. 193). A conexão entre a metodologia da entrevista narrativa e a abordagem qualitativa ocorre por meio da análise das entrevistas das professoras, considerando o contexto e a profundidade do que foi compartilhado. Silveira e Córdova (2009) explicam que os pesquisadores que utilizam métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas. Deste modo, a pesquisa busca refletir e analisar, a partir das entrevistas narrativas, se as FE fazem parte das propostas pedagógicas das professoras dos Anos Iniciais, mesmo sem conhecimento teórico destas ferramentas conceituais, a partir da análise interessada das respostas das docentes em relação ao contexto da sala de aula.

A análise das entrevistas me permite responder se as professoras entrevistadas percebem quando estão realizando propostas que desenvolvem as Funções Executivas das crianças. Para atingir os objetivos e responder as perguntas da pesquisa, organizei um roteiro de entrevista (Apêndice B) com perguntas

semiestruturadas que conduzem a narrativa das professoras de forma que pudessem retomar suas trajetórias e as experiências vividas no campo da educação. As incentivo a falar de sua formação; de como pensam o planejamento; se percebem mudanças nas habilidades cognitivas e no comportamento das crianças ao longo do tempo e como lidam com isso; se entendem que essas habilidades não desenvolvidas trazem dificuldades para a aprendizagem. O roteiro foi apenas um guia para iniciar e conduzir o diálogo, mas busquei ao máximo que as professoras pudessem falar de forma mais livre sobre as questões que o roteiro menciona. As entrevistas foram realizadas com 4 professoras que atuam em escolas da rede municipal, estadual e privada da região metropolitana de Porto Alegre. As entrevistas aconteceram de forma presencial, entre os dias 6 e 11 de novembro de 2024.

A elaboração das perguntas se deu com o objetivo de possibilitar a (re)construção de suas narrativas e permitir a partilha de suas jornadas como professoras dos Anos Iniciais, para que refletissem sobre o percurso de suas práticas pedagógicas. Essa abordagem buscou criar um espaço de diálogo e introspecção, em que as educadoras pudessem revisitar suas experiências, identificar desafios enfrentados, conquistas alcançadas e as estratégias que consideraram mais eficazes no ensino.

Segundo Andrade (2012, p. 175) “As entrevistas não permitem dizer uma ou a verdade sobre as coisas e os fatos, mas pode-se considerá-las como a instância central que, somada a outras, traz informações fundamentais acerca do vivido e possibilita uma interpretação [...]”. Dessa forma busquei nas falas das professoras entrevistadas localizar mediações e propostas pedagógicas que sejam relacionadas ao desenvolvimento das FE. Esses movimentos podem ser intencionais ou não, visto que o fortalecimento das Funções Executivas pode estar associado a atividades do nosso cotidiano como a capacidade de utilizar uma informação recém adquirida, pensar antes de agir ou falar, realizar um planejamento e repensar ações. Assim, através da análise das narrativas das professoras, busquei compreender se em ações cotidianas de sala de aula as Funções Executivas dos estudantes são desenvolvidas, além de destacar quando e como as FE aparecem.

Acredito que as professoras entrevistadas desenvolvem as FE das crianças em sala de aula com ações simples como solicitar que esperem sua vez de falar, prever o que irá acontecer no dia, formas de lidar com o fato de que as vezes

acontece algo que muda o planejamento diário, interpretar um texto recém lido... Porém, ao ouvir as narrativas também espero verificar se existe ou não intencionalidade nessas ações e se o conceito de FE aparece nas falas. Assim,

A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. (Clandinin; Connelly, 2000, p. 20)

A escolha da entrevista narrativa como metodologia vai contra a ideia de responder perguntas prontas e inflexíveis, visto que “[...] a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo, como no sentido” (Jovchelovitch; Bauer, 2002, p. 92-93). Assim, a metodologia escolhida, que incentiva o diálogo e a reflexão sobre o que foi relatado em conjunto com a minha escuta atenta, se tornam partes essenciais da pesquisa.

A narrativa das professoras entrevistadas é única e individual, e não será solicitado nenhum tipo de comprovação, pois o objetivo não é buscar uma verdade sobre o que foi dito. Importam as experiências vividas e os sentimentos envolvidos nessas experiências, à medida que as professoras retomam suas lembranças e as vivências em sala de aula ao falarem sobre elas no momento da entrevista narrativa. Não há certo ou errado, tampouco verdades únicas e absolutas. O que se apresenta é a visão das professoras sobre sua trajetória acadêmica e profissional, sobre o que orienta a condução de seu grupo de estudantes e como desenvolvem, neles, habilidades cognitivas para que aprendam e vivam melhor neste mundo. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p.110) “As narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas: elas propõem representações/interpretações particulares do mundo.”

Organizei as entrevistas com as professoras em quatro partes conforme o modelo desenvolvido por Jovchelovitch e Bauer (2002, p.96) “A entrevista narrativa ocorre em quatro fases: inicia com a fase de iniciação, segue para a narração, passa pela fase de questionamento e encerra com a fase de fala conclusiva.” Os passos descritos pelos autores orientaram tanto na preparação quanto na condução das entrevistas.



**Figura 1** - Fases principais da entrevista narrativa.

Tabela 4.1 – Fases principais da entrevista narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais
2. Narração central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar para os sinais de finalização (“coda”)
3. Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes
4. Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

Fonte: Jovchelovitch e Bauer (2002)

Para a preparação, realizei uma pesquisa sobre o desenvolvimento das Funções Executivas no contexto escolar, o que me possibilitou construir um repertório para formular as perguntas que orientaram as entrevistas narrativas com as professoras. Na primeira fase, defini um tópico inicial que conectasse os objetivos da pesquisa ao cotidiano da sala de aula, buscando criar um ambiente confortável e acolhedor para que as professoras compartilhassem suas experiências de forma espontânea. A introdução das entrevistas foi planejada para investigar se as Funções Executivas estão sendo desenvolvidas em sala de aula e, em caso positivo, verificar se esse desenvolvimento ocorre de forma intencional.

Durante as entrevistas, segui os cuidados recomendados por Jovchelovitch e Bauer (2002). Solicitei permissão para gravar as narrativas e utilizei encorajamentos não verbais para estimular as professoras a continuarem narrando suas memórias e vivências de sala de aula. Na terceira etapa, correspondente à fase das perguntas, respeitei integralmente os relatos, me limitando a fazer apenas perguntas neutras como “E o que aconteceu então?”, conforme sugerido pelos autores. Ao final da entrevista, desliguei o gravador, agradei às participantes e fiz anotações sobre minhas impressões posteriormente.

As hipóteses que guiaram a estruturação das entrevistas narrativas foram de que as professoras estimulam o desenvolvimento da Memória de Trabalho, Flexibilidade Cognitiva e Controle Inibitório por meio de ações cotidianas em sala de

aula, mesmo sem o conhecimento formal do que são FE ou da necessidade de desenvolvê-las intencionalmente. Isso ocorre porque as professoras conseguem promover o desenvolvimento dessas habilidades por meio de atividades cotidianas na sala de aula, como jogos e rotinas, que contribuem significativamente para o aprimoramento das Funções Executivas.

A escolha do tema de pesquisa foi motivada pela relevância do desenvolvimento das FE das crianças nas salas de aula e a intenção de compreender o contexto em que essas funções são desenvolvidas. Visto que, diferente do que acontecia em décadas passadas, boa parte das crianças não possuem mais o espaço da rua para brincar livremente e compartilhar experiências, seja em função dos riscos associados à permanência na rua, seja pelo fato de morarem em apartamentos. Essa mudança impactou consideravelmente o desenvolvimento das crianças. No entanto, as Funções Executivas podem ser desenvolvidas em contextos escolares por meio de atividades como jogos, mediações intencionais, troca entre pares, problemas matemáticos, leitura, interpretação de textos e brincadeiras ao ar livre. Tais atividades estão – ou deveriam estar – inseridas no cotidiano das salas de aula.

### 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica é uma etapa do desenvolvimento de uma pesquisa em que realizamos o levantamento de trabalhos científicos relacionados ao tema pesquisado, permitindo entender o que já foi escrito e discutido sobre o assunto. Com o intuito de investigar as pesquisas sobre atividades mediadas em sala de aula para o desenvolvimento das Funções Executivas em crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, realizei a revisão bibliográfica desta pesquisa, buscando nas plataformas digitais SciELO, Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no Lume/UFRGS trabalhos vinculados ao meu tema de pesquisa.

Utilizei os descritores previamente estabelecidos – Funções Executivas, sala de aula, recursos de Funções Executivas e Anos Iniciais – com o objetivo de identificar estudos focados no desenvolvimento das Funções Executivas em crianças. O critério inicial de seleção foi o recorte temporal, priorizando pesquisas realizadas entre 2013 e 2023, para garantir que os estudos mais recentes fossem privilegiados, o que mantém a pesquisa mais atual. Com o uso das palavras-chave "Funções Executivas" e "sala de aula", obtive os seguintes resultados nas plataformas digitais.

**Quadro 1** - Pesquisa com os descritores "Funções Executivas" e "sala de aula"

<b>Plataforma</b>	<b>Número de trabalhos encontrados</b>
Lume	2.778
SciELO	0
Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	0

Fonte: Elaborado pela autora

Ao realizar a leitura dos títulos das primeiras cem pesquisas que apareceram na plataforma Lume, encontrei apenas quatro pesquisas que, pelo título, pareciam se enquadrar no tema da minha pesquisa. A maioria dos trabalhos encontrados estava relacionada a outras áreas da Educação básica, como Geografia e Matemática e, por isso, foram descartados. Embora o número de pesquisas apresentadas na plataforma fosse alto, poucas estavam relacionadas ao desenvolvimento das FE nas salas de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Foram selecionados, nesta primeira busca, os trabalhos relacionados ao desenvolvimento das Funções Executivas nas salas de aula dos Anos Iniciais.

Encontrei também diversos trabalhos da área de Psicologia e avaliações neurológicas, que foram desconsiderados. Destaco que não foram selecionados trabalhos da plataforma SciELO e CAPES pela falta de resultados compatíveis em todas as pesquisas feitas. Conforme os títulos dos trabalhos se distanciavam do tema da minha pesquisa e dos Anos Iniciais, optei por realizar uma nova busca utilizando novos descritores.

Pesquisando nas três plataformas anteriormente citadas, com o filtro do recorte temporal de 2013-2023, realizei uma nova busca, ampliando os descritores: “Recursos de Funções Executivas”; “sala de aula” e “Anos Iniciais”.

**Quadro 2** - Pesquisa com os descritores “Recursos de Funções Executivas”; “sala de aula” e “Anos Iniciais”

<b>Plataforma</b>	<b>Número de trabalhos encontrados</b>
Lume	1.947
SciELO	0
Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta nova busca, entre os 1.947 resultados da plataforma Lume, encontrei, utilizando a leitura do título como segundo filtro, quatro novos trabalhos que, a partir dessa leitura, pareciam se aproximar do tema desta pesquisa. Foram analisados os primeiros cem trabalhos, visto que o tema deles começou a se afastar, e as pesquisas passaram a não estar mais relacionadas às FE ou às sala de aula dos anos iniciais.

Para realizar a última busca nas plataformas digitais, utilizei como descritores as palavras “Funções Executivas” e “Anos Iniciais”.

**Quadro 3** - Pesquisa com os descritores “Funções Executivas” e “Anos Iniciais”.

<b>Plataforma</b>	<b>Número de trabalhos encontrados</b>
Lume	4.182
SciELO	2
Catálogo de Teses e Dissertações da Capes	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta nova busca, com o recorte temporal de dez anos como primeiro filtro, e após a leitura dos títulos dos primeiros cem trabalhos encontrados como segundo filtro, identifiquei que três novas pesquisas na plataforma Lume que, possivelmente, se enquadravam no tema deste trabalho de conclusão de curso. No repositório digital SciELO os dois trabalhos encontrados não se encaixavam no tema da pesquisa. Ao final dessa etapa de revisão bibliográfica, foram selecionadas, entre teses, artigos e Trabalhos de Conclusão de Graduação, onze obras que, com base nos títulos, se mostraram relevantes para a minha pesquisa.

Como terceiro filtro, para confirmar a seleção dos onze trabalhos mencionados, realizei a leitura do resumo e das palavras-chave e, com isto, considerei seis pesquisas que abordam de forma mais precisa o tema para compor a revisão bibliográfica deste Trabalho de Conclusão. Essas foram selecionadas nos repositórios da plataforma Lume.

**Quadro 4 - Trabalhos selecionados após leitura dos resumos.**

	Título	Autor(a)	Plataforma	Ano/	Tipo de texto	Palavras-chaves
1	Neuroeducação : um diálogo entre a neurociências e a sala de aula	Costa, Cláudio Sérgio da	Lume	2021	Tese	Neurociências; Educação; Formação docente; Neuroeducação.
2	“O melhor termômetro é a professora” : narrativas de professoras sobre dificuldades de aprendizagem	Oldani, Pamella	Lume	2019	Trabalho de conclusão de graduação	Anos Iniciais; Aprendizagem; Dificuldades de aprendizagem; Entrevista narrativa; Mediação da aprendizagem.
3	Metacognição e funções executivas : relações entre os conceitos e implicações para a aprendizagem	Corso, Helena Vellinho; Sperb, Tania Mara; Jou, Graciela Inchausti de; Salles, Jerusa Fumagalli de	Lume	2013	Artigo de periódico	Metacognição; Funções executivas; Cognição; Aprendizagem.
4	Educação das funções executivas : revisão narrativa sobre os meios de aprimorar as funções executivas de alunos em ambiente escolar através de programas de intervenção	Ferreira, Gabriel Nunes	Lume	2022	Trabalho de conclusão de graduação	Funções executivas; Desenvolvimento Cognitivo; Intervenção Pedagógica; Neuroeducação; Neurociência; Educação.
	Efeitos de uma intervenção escolar em compreensão leitora em alunos com diferentes perfis de dificuldade em leitura : três estudos de caso	Silva, Amanda Becker e	Lume		Lume	Leitura; Intervenções escolares; Estudo de caso; Pesquisa em intervenção.
6	Exergames como mediadores da estimulação de componentes das funções executivas em crianças do ensino fundamental I	João Batista Mossmann	Lume	2018	Tese	Funções executivas; Intervenção Neuropsicológica; Estimulação Cognitiva; Jogos para Estimulação Cognitiva; Controle Inibitório.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da leitura dos resumos dos trabalhos selecionados para compor a bibliografia desta pesquisa, organizei as principais informações de maneira estruturada, destacando aspectos como a metodologia utilizada, os objetivos

propostos e as conclusões obtidas. Essa organização permitiu compreender as contribuições dos trabalhos e facilitou a integração dos conceitos na construção teórica desta investigação.

### **1. Neuroeducação: um diálogo entre neurociências e sala de aula (Cláudio Sérgio da Costa, 2021)**

Para verificar o conhecimento dos docentes sobre Neurociências antes e após um curso de formação continuada, Costa (2021) conduziu uma pesquisa de doutorado de caráter misto, com abordagem qualitativa e quantitativa. A fase qualitativa foi baseada em uma revisão bibliográfica, utilizando autores das áreas de Educação, Neurociências, Neuroeducação e formação de professores. Já a pesquisa quantitativa envolveu 62 professores do Ensino Fundamental da rede pública estadual de uma cidade no sul de Santa Catarina, que responderam a um questionário com 20 perguntas. Os resultados mostraram que os educadores possuem formação acadêmica adequada ao seu nível de atuação. Apesar do alto índice de respostas afirmativas sobre a relação entre Neurociências e Educação, Costa (2021) destaca uma contradição: a maioria dos professores afirmou não ter tido contato com Neurociências durante sua formação inicial.

### **2. “O melhor termômetro é a professora” Narrativas de professoras sobre dificuldades de aprendizagem (Pamella Oldani, 2019)**

Com o objetivo de refletir sobre as narrativas das professoras a respeito das dificuldades e dos diferentes ritmos de aprendizagem dos seus alunos, e analisar as estratégias buscadas por elas para minimizar os efeitos dessas dificuldades no cotidiano da sala de aula, Oldani (2019) utilizou a entrevista narrativa como método para alcançar seus objetivos de pesquisa, permitindo que as entrevistadas compartilhassem suas memórias e experiências vividas. Como instrumento de pesquisa, a autora elaborou um questionário semiestruturado com quinze perguntas. A pesquisa contou com a participação de seis professoras de Porto Alegre/RS, sendo duas de cada rede de ensino (estadual, municipal e privada). A pesquisa revelou que as professoras reconhecem as dificuldades de aprendizagem dos estudantes, identificando os fatores envolvidos, como família, escola e a própria criança, conforme os autores selecionados. Elas compreendem que essas dificuldades nem sempre estão relacionadas a transtornos ou deficiências e

destacam a necessidade de um olhar sensível para adaptar as estratégias pedagógicas. Além disso, apontam que a experiência cotidiana em sala de aula e as trocas com colegas contribuem para o aprimoramento das práticas de ensino.

### **3. Metacognição e Funções Executivas: relações entre os conceitos e implicações para a aprendizagem ( Helena Vellinho Corso *et al* 2013)**

Corso *et al.* (2013) buscaram, neste artigo, realizar uma revisão da literatura clássica e atual, examinando os conceitos de metacognição e Funções Executivas, estabelecendo conexões entre eles e com o processo de aprendizagem. Como resultado dessa revisão, as autoras encontraram evidências de que os conceitos se aproximam em alguns aspectos e divergem em outros, além de identificarem dados empíricos iniciais que confirmam a relação entre as habilidades descritas por ambos os conceitos.

### **4. Educação das funções executivas: revisão narrativa sobre os meios de aprimorar as funções executivas de alunos em ambiente escolar através de programas de intervenção (Gabriel Nunes Ferreira, 2022)**

O trabalho realizado por Ferreira (2022) teve como objetivo realizar uma revisão sobre estratégias para promover as Funções Executivas em estudantes, bem como apresentar potenciais intervenções para o desenvolvimento dessas habilidades. O autor examinou os métodos de aprimoramento das Funções Executivas no contexto escolar, com enfoque na psicopedagogia. Além disso, a pesquisa discutiu os princípios neurocientíficos que orientam as intervenções para a melhoria dessas habilidades e exemplificou os fundamentos das práticas e treinamentos das Funções Executivas com base em programas validados e utilizados no Brasil, por meio de uma revisão bibliográfica narrativa.

### **5. Efeitos de uma intervenção escolar em compreensão leitora em alunos com diferentes perfis de dificuldade em leitura: três estudos de caso (Amanda Becker e Silva, 2021)**

A pesquisa conduzida por Silva (2021) tem como objetivo analisar os dados e informações dos alunos selecionados por meio de estudos de caso. Assim, a autora analisa três estudos de casos e investigou o impacto de uma intervenção em Compreensão Leitora sobre o desempenho de 3 alunos com perfis de leitura



diferentes, porém todos com dificuldades em Compreensão Leitora. A pesquisa examinou a relação entre a compreensão leitora e as Funções Executivas, além de outros elementos cognitivos relevantes para o desenvolvimento da habilidade de compreensão.

## **6. Exergames como mediadores da estimulação de componentes das funções executivas em crianças do ensino fundamental I (João Batista Mossmann, 2018)**

Com o objetivo de compreender de que maneira uma intervenção no ambiente escolar, por meio de um exergame para estimulação cognitiva, pode contribuir com o controle inibitório das Funções Executivas em crianças do Ensino Fundamental I, Mossmann (2018) desenvolveu um exergame<sup>2</sup> para estimular as FE, com ênfase na habilidade de Controle Inibitório. O jogo intitulado de “As Incríveis Aventuras de Apollo e Rosetta no Espaço”, possui sete diferentes atividades lúdicas, que possibilitam ao jogador lidar com eventos que estimulam o Controle Inibitório. Além da criação do jogo, foi realizada uma intervenção neuropsicológica no ambiente escolar com treze estudantes do Ensino Fundamental, divididos em dois grupos: experimental e controle.

Os resultados da pesquisa mostraram que o exergame possibilita ao jogador enfrentar diferentes desafios e dificuldades, todos orientados por regras. Dessa forma, oferece simultaneamente ao jogador um desafio e os recursos para superá-lo. Além do uso do exergame e da intervenção neuropsicológica, foi realizada uma análise quali-quantitativa que sintetiza e descreve elementos que demonstram o efeito positivo na estimulação das Funções Executivas e no Controle Inibitório.

Após a análise das pesquisas selecionadas na revisão bibliográfica na plataforma digital Lume/UFRGS, realizei uma nova busca utilizando a plataforma digital Google Acadêmico, com os descritores “sala de aula” e Funções Executivas”, e com o recorte temporal de dez anos (2013-2023). Essa busca teve como objetivo verificar se novos trabalhos que escaparam da busca anterior poderiam ser localizados. Nesta plataforma digital também foram analisados os títulos de artigos de revistas reconhecidas no âmbito acadêmico, além de Teses e Dissertações. Para encontrar novas pesquisas relacionadas com o desenvolvimento das FE, foram

---

<sup>2</sup> Exergames ou jogos ativos são jogos digitais em que o jogador controla as ações em um determinado jogo por meio dos seus movimentos corporais.

analisados os títulos das cem primeiras pesquisas apresentadas pela plataforma Google Acadêmico. O motivo para focar na leitura nos cem primeiros títulos é que as pesquisas disponíveis na plataforma tendem a se distanciar do tema central da minha investigação. Assim, foram selecionados 22 trabalhos que, antes da leitura do resumo, estavam relacionados com a minha pesquisa.

Após a análise dos resumos dos trabalhos selecionados com base nos títulos, foram identificadas treze pesquisas na plataforma Google Acadêmico que serviram como apoio bibliográfico para minha pesquisa. A seleção teve como critério escolher trabalhos que abordassem o desenvolvimento de planejamentos em sala de aula nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com foco na promoção das Funções Executivas das crianças. Assim, foram excluídos os estudos que se concentravam apenas na avaliação das Funções Executivas, sem descrever intervenções prévias realizadas em sala de aula.

**Quadro 5** - Trabalhos selecionados na plataforma digital Google Acadêmico com os descritores “Função Executivas” e “sala de aula” após leitura do resumo.

	Título	Autor(a)	Plataforma	Ano	Tipo de texto	Palavras-chaves
1	Estimulando Funções Executivas em sala de aula: o programa Heróis da Mente	Chrissie Carvalho e Neander Abreu	Revista UNEB	2014	Artigo	Funções Executivas; Sala de Aula.
2	Funções Executivas na sala de aula	Daniel Fuentes e Luciane Lunardi	Livro: Neuropsicologia Aplicações Clínicas	2016	Capítulo de livro	Funções Executivas; Sala de Aula.
3	Funções Executivas: desenvolvimento e intervenção	Natalia Dias e Alessandra Gotuzo Seabra	Revista Temas sobre desenvolvimento	2013	Artigo	Cognição; Infância; Autorregulação.
4	Avaliação do uso de jogos eletrônicos para o aprimoramento das funções executivas no contexto escolar	Daniela Karine Ramos; Natália Lorenzetti da Rocha	Revista Psicopedagogia	2016	Artigo	Jogos de vídeo; Função executiva; Atenção; Aprendizagem.
5	O uso de jogos cognitivos no contexto escolar: atribuições às Funções Executivas	Daniela Karine Ramos; Natália Lorenzetti da Rocha; Katia Julia Roque Rodrigues; Bruna Berger Roisenberg	Psicologia Escolar e Educacional	2017	Artigo	Jogos; escola; atenção.
6	Jogos Digitais na Escola: aprimorando a atenção e	Daniela Karine Ramos; Fabio Rafael Segundo	Educação & Realidade	2018	Artigo	Jogos Digitais; Funções Executivas;

	Título	Autor(a)	Plataforma	Ano	Tipo de texto	Palavras-chaves
	a flexibilidade cognitiva					Atenção; Flexibilidade Cognitiva; Escola.
7	Funções Executivas: Fundamentos da Aprendizagem e do Comportamento	Claudio Burlas de Moura	Livro Funções Executivas: Fundamentos da Aprendizagem e do Comportamento	2018	livro	Funções Executivas; Sala de Aula.
8	Intervenções com jogos em contexto educacional: Contribuições às funções executivas	Daniela Karine Ramos; Maria Luiza Bianchi; Eliza Regina Rebelo; Maria Eduarda de O. Martins	Psicologia: Teoria e Prática	2019	Artigo	Jogos Digitais; Jogos; Funções executivas; Aprendizagem; Educação.
9	Percepção dos professores sobre Funções Executivas e a importância no processo de aprendizagem	Cláudia Inês Pelegrini de Oliveira Abreu; Nathalya das Candeias Pastore Cunha; Luiz Carlos de Abreu; Italla Maria Pinheiro Bezerra	Revista Interagir	2024	Artigo	Função executiva; Docentes, Aprendizagem.
10	Intervenção em funções executivas em alunos dos três anos iniciais do ensino fundamental e sua relação com desempenho cognitivo e perfil comportamental	Carla Nunes Cantiere.	Adelpha Repositório Digital	2018	Tese	Funções executivas; Intervenção; Escola; Desenvolvimento infantil.
11	Jogos Digitais Cognitivos: possibilidades de trabalho pedagógico para o aprimoramento das funções executivas	Mariana Carreira Oliveira	Repositório Institucional UFSC	2016	Trabalho de conclusão de curso	Ensino fundamental; Resolução de problemas; Raciocínio lógico matemático; Leitura compreensiva; Consistência cognitiva.
12	Jogos cognitivos na escola: percepção das crianças sobre o aprimoramento das Funções Executivas	Mariana Carreira Oliveira; Daniela Karine Ramos	EccoS Revista Científica	2021	Artigo	Aprendizagem; Escola; Jogos; Processo cognitivo.
13	Os modelos de memória e as Funções Executivas no desenvolvimento da alfabetização: um estudo teórico das publicações realizadas no jornal letra A (CEALE)	Milena Alves Rodrigues de Souza Martins	Repositório Institucional IF Goiano	2020	Trabalho de conclusão de curso	Alfabetização; Modelos de Memória; Aprendizagem Significativa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme indicado no Quadro 5, a plataforma digital Google Acadêmico apresentou diversos trabalhos relacionados a esta pesquisa. No entanto, a busca também exibiu estudos de outras áreas do conhecimento, como Psicologia e Matemática, que não foram analisados por não se alinharem ao tema desta pesquisa e, portanto, não atendendo ao objetivo de compor a bibliografia deste estudo. Foi um critério para a construção do quadro que os trabalhos estivessem relacionados com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, visto que esta pesquisa busca compreender se as Funções Executivas são desenvolvidas nas salas de aula desses anos.

A partir da nova busca na plataforma Google Acadêmico, foi possível perceber o crescente número de estudos que defendem o desenvolvimento das FE em sala de aula a partir do uso de jogos, sejam digitais ou físicos. Com a nova busca, também pude perceber como os autores têm identificado “falhas” no desenvolvimento das FE relacionadas a distúrbios do neurodesenvolvimento, como Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

#### **4 CONHECENDO AS PROFESSORAS: NARRATIVAS DE SALA DE AULA**

As professoras entrevistadas foram indicadas pela professora orientadora, devido ao vínculo estabelecido com elas como alunas da graduação em Pedagogia ou como professoras supervisoras de orientandas do Estágio de Docência II. Foram convidadas professoras que atuam em redes públicas e privadas de ensino, com turmas do primeiro ao quinto ano. As professoras que aceitaram o convite para participar da pesquisa estão apresentadas neste trabalho e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

O tempo disponível de cada professora para a participação da entrevista variou entre 35 e 15 minutos. Embora essa limitação tenha dificultado a construção de uma narrativa mais detalhada, as perguntas, cuidadosamente planejadas para priorizar pontos essenciais, guiaram as entrevistas de forma satisfatória. Dessa maneira, foi possível analisar, a partir das respostas das professoras, como elas desenvolvem as FE em sala de aula. Assim, mesmo com o tempo reduzido, o roteiro bem estruturado possibilitou o direcionamento e permitiu a coleta de dados relevantes e alinhados aos objetivos de estudo.

#### **PROFESSORA A**

A primeira professora entrevistada tem 55 anos e trabalha há 19 anos em uma escola da rede estadual no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Ela concluiu o magistério em nível médio e, posteriormente, se graduou em Pedagogia. Possui especializações em neuropsicopedagogia e orientação educacional, embora não tenha atuado como orientadora pedagógica. Atualmente, leciona para duas turmas de quarto ano na mesma escola estadual, nos turnos da manhã e da tarde, além de trabalhar à noite em uma clínica de psicopedagogia, onde presta apoio pedagógico.

A entrevista com a Professora A teve duração de 37 minutos, sendo a entrevista mais longa de todas realizadas. O encontro ocorreu na sala das professoras, utilizada pela equipe docente da escola. Durante a entrevista narrativa, a professora destacou ser muito organizada e firme, características que considera fundamentais para o seu trabalho, além de ressaltar sua flexibilidade e afeto no trato com os estudantes.

## **PROFESSORA B**

A segunda professora entrevistada, de 47 anos, concluiu o curso de magistério e, após essa formação em nível médio, ingressou na faculdade de Arquitetura, enquanto dava aulas particulares para crianças. Percebendo as oportunidades profissionais na área de Pedagogia, decidiu realizar uma segunda graduação na UNIP (Universidade Paulista), em São Paulo. Possui especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE) e, atualmente, trabalha em uma escola estadual no município de Porto Alegre. A Professora B leciona em dois turnos na mesma escola, para turmas de quinto ano.

A entrevista foi realizada em uma sala de aula vazia, o que garantiu a privacidade necessária para que a professora compartilhasse sua narrativa. A conversa teve uma duração de 21 minutos, durante os quais a professora destacou sua iniciativa em diversificar os espaços de ensino e integrar recursos tecnológicos às aulas. Além disso, ressaltou o uso de jogos como estratégia para trabalhar os conteúdos, enfatizando que esses recursos facilitam a memorização dos estudantes.

## **PROFESSORA C**

A terceira professora entrevistada, de 27 anos, concluiu sua graduação em Pedagogia na UFRGS há dois anos. Ela não cursou o magistério e planeja iniciar sua primeira pós-graduação. Antes de ingressar em Pedagogia, cursou parte do curso da licenciatura em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Atualmente, a professora leciona em duas escolas, uma municipal e uma particular, ambas no município de Porto Alegre.

A entrevista narrativa com a Professora C teve duração de 25 minutos e revelou familiaridade com o conceito de Funções Executivas. Durante sua entrevista, que ocorreu em sua sala de aula, a professora demonstrou conhecimento do termo, se referindo diretamente às funções básicas que o compõem, como Memória de Trabalho, Controle Inibitório e Flexibilidade Cognitiva. Além disso, apresentou exemplos práticos de como essas habilidades são promovidas em sua prática pedagógica, destacando atividades intencionais para o desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental dos estudantes. Sua abordagem revelou um alinhamento consistente entre teoria e prática, evidenciando como o conhecimento prévio sobre o tema influencia suas estratégias em sala de aula.

## **PROFESSORA D**

A quarta professora entrevistada, de 35 anos, concluiu sua graduação em Pedagogia na UFRGS em 2016. Possui especialização em Alfabetização e Letramento pela UNIASSELVI, em Arte e Educação, Alfabetização e Neurociência pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), além de formação no Método das Boquinhas. A professora trabalha há oito anos em uma escola no município de Canoas.

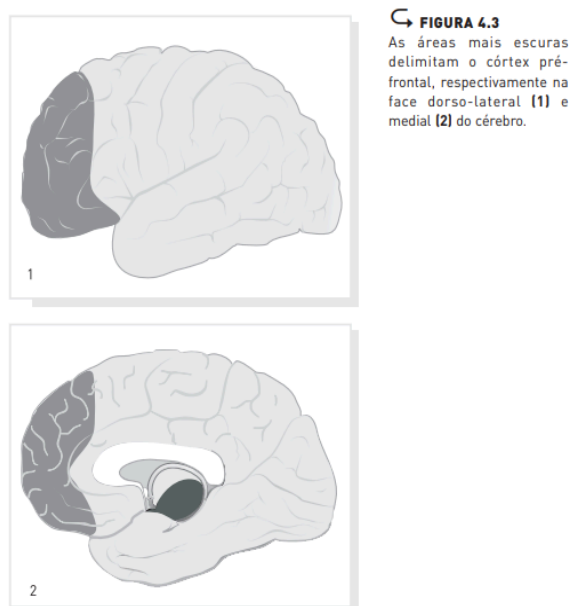
A entrevista com a Professora D teve duração de 15 minutos. Durante esse tempo, ela compartilhou que atualmente leciona para duas turmas: uma do primeiro ano no turno da manhã e outra do quarto ano no turno da tarde. Em sua narrativa, a professora destacou a importância de ir além do ensino de leitura e escrita, enfatizando a relevância de trabalhar as relações interpessoais e a convivência em grupo. Associou o desenvolvimento dessas habilidades sociais à resolução de problemas, ressaltando que, para conviver em grupo, essa habilidade é fundamental.

## 5 DO CONTROLE AO PENSAR CRIATIVO: FUNÇÕES EXECUTIVAS NA EDUCAÇÃO

As Funções Executivas estão presentes no nosso cotidiano e são essenciais no processo de aprendizagem. Elas formam um conjunto de habilidades que possibilitam realizar atividades com o objetivo de atingir metas (Cosenza; Guerra, 2011). Portanto, é fundamental compreendê-las para que possam ser desenvolvidas de maneira eficaz nos espaços de construção da experiência, principalmente no espaço escolar.

Segundo Salles e Paula (2013), as Funções Executivas são essenciais para executar atividades que exigem autonomia, intenção, persistência e autorregulação. Esses elementos também são fundamentais para o aprimoramento da leitura fluente e compreensiva, além de oferecer suporte na resolução de problemas matemáticos e escrita de textos. Essas funções cognitivas, que se desenvolvem no córtex pré-frontal, conforme imagem, podem ser melhoradas em um contexto de estímulos e instrução.

**Figura 2** - Cérebro com limite do córtex pré-frontal



Fonte: Cosenza; Guerra, 2011, p.57

O córtex cerebral é responsável por funções fundamentais, como linguagem, memória, planejamento de ações, raciocínio crítico e outras habilidades que são características da espécie humana. As Funções Executivas, que englobam habilidades cognitivas essenciais, são coordenadas principalmente pelo córtex pré-frontal, embora também dependam de outras regiões cerebrais interconectadas



(Cosenza; Guerra, 2011). O desenvolvimento do córtex pré-frontal ocorre entre os doze meses e o início da idade adulta, por volta dos 21 anos (Zardo, 2023).

De acordo com Diamond (2013), as Funções Executivas envolvem três habilidades fundamentais: Controle Inibitório, Memória de Trabalho e Flexibilidade Cognitiva. Essas habilidades desempenham um papel crucial no contexto educacional e na regulação do comportamento, além de influenciar em aspectos como a motivação e a persistência. Elas permitem que os indivíduos brinquem mentalmente com ideias, formulem respostas ponderadas em vez de impulsivas e mantenham o foco em suas atividades (Diamond; Lee, 2011). Essas habilidades são essenciais no contexto educacional, pois capacitam os estudantes a exercerem um controle voluntário orientado por metas, os tornando menos suscetíveis às influências de condições ambientais adversas (Salles; Paula, 2016). O termo Funções Executivas está, portanto, relacionado à concretização de tarefas, desde o planejamento até a conclusão de atividades estabelecidas (Costa, 2021).

O avanço das pesquisas de imagens cerebrais acompanhou o progresso dos estudos sobre as Funções Executivas, uma vez que as neuroimagens permitiram uma melhor compreensão das funções pré-frontais (Cosenza; Guerra, 2011). Assim, descobriu-se que córtex pré-frontal está relacionado ao planejamento do comportamento, de metas, flexibilidade das ações, elaboração de estratégias, atividades de automonitoramento, atenção, avaliação de riscos, memória e emoção.

As Funções Executivas apresentam um desenvolvimento gradual e prolongado ao longo de toda a infância e adolescência, estendendo-se até a vida adulta. De acordo com Dias e Seabra (2013), essas funções começam a emergir por volta dos doze meses de idade, quando os primeiros sinais de Controle Inibitório podem ser observados. Esse desenvolvimento gradual reflete a complexidade do córtex pré-frontal e sua importância na adaptação às demandas cognitivas e sociais. Apesar desse desenvolvimento gradual, as habilidades se consolidam em diferentes momentos entre a infância e o início da vida adulta, sendo a infância como um período crucial para o desenvolvimento dessas funções (Dias; Seabra, 2013). Durante esse período, as habilidades básicas, como a capacidade de reter informações temporariamente e regular comportamentos simples, começam a se consolidar. Esse avanço contínuo é influenciado por fatores biológicos e ambientais, incluindo experiências educativas e interações sociais.

Conforme destacado por Dias e Seabra (2013, p. 209), "um maior desenvolvimento dessas habilidades pode promover melhor adaptação e rendimento escolar, além de prevenir uma série de problemas sociais e de saúde mental". Isso ocorre porque as FE também influenciam a capacidade de resolver problemas, lidar com frustrações e tomar decisões conscientes, fatores que são igualmente relevantes tanto no ambiente educacional quanto na vida cotidiana.

Para que o potencial máximo das Funções Executivas seja alcançado, é necessário reconhecer que seu desenvolvimento é um processo gradual e contínuo, que se estende por toda a infância e adolescência (Morton, 2013). Esse desenvolvimento requer tempo, assim como o suporte de ambientes estimulantes e experiências educativas adequadas. Estratégias pedagógicas que promovem a resolução de problemas, a autorregulação e a reflexão crítica são essenciais para o fortalecimento das FE, contribuindo para um desempenho acadêmico mais consistente e para o desenvolvimento integral dos estudantes. Dessa forma, investir no aprimoramento das Funções Executivas não só impacta positivamente a trajetória escolar, mas também favorece o bem-estar e a capacidade de enfrentar os desafios da vida adulta.

Ao planejar propostas pedagógicas para desenvolver as FE dos estudantes de forma precoce, o educador pode pensar os resultados a curto e longo prazo nos âmbitos escolar e social (Dias; Seabra, 2013). Como as habilidades que integram as Funções Executivas estão associadas a um espectro específico de áreas cerebrais (Costa, 2021), é possível planejar ações pedagógicas que visem desenvolver uma ou mais Funções Executivas. Por exemplo, durante uma roda de leitura, podemos trabalhar o Controle Inibitório ao estabelecer que as crianças poderão falar somente após o término da história. Caso, após a leitura, as crianças precisem criar um novo final para o livro, isso pode ser considerado como o desenvolvimento da Flexibilidade Cognitiva, pois exige que reconsiderem as possibilidades, ao mesmo tempo em que utilizam a Memória de Trabalho para manipular a informação recém adquirida (história).

O Controle Inibitório permite que a criança ignore informações irrelevantes e mantenha o foco nas atividades que está realizando. Essa habilidade possibilita o gerenciamento de comportamentos inadequados e desempenha um papel importante na regulação da atenção e dos pensamentos. Ao desenvolver a capacidade de inibir a atenção a estímulos irrelevantes, a criança aprimora a

atenção seletiva (Dias; Seabra, 2013). A criança se torna capaz de coibir impulsos, comportamentos inadequados e respostas automáticas, além de conseguir desconsiderar estímulos irrelevantes e distrações. Essa habilidade cognitiva está significativamente relacionada à capacidade de regular as emoções (Morton, 2013).

Observa-se que o controle inibitório é fundamental no cotidiano, pois “[...] provê ao indivíduo o controle de seus processos cognitivos, emocionais e comportamentais, suplantando o controle por eventos externos, reações emocionais automáticas, tendências prévias ou habituais.” (Dias; Seabra, 2013. p.207).

A Memória de Trabalho envolve armazenar, atualizar e organizar as informações necessárias para realizar uma ação consciente. É responsável por manter as informações necessárias para que o estudante consiga executar uma atividade, mantendo na mente informações que precisam ser lembradas e manipuladas. Assim, uma memória de trabalho pouco desenvolvida pode prejudicar a capacidade de resolver problemas. Morton (2013) reforça que a Memória de Trabalho é “[...] a capacidade de manter as informações na mente, onde elas podem ser manipuladas.” (2013. p. 4). Sendo necessária para realizar tarefas cognitivas cotidianas, como estabelecer relações e definir prioridades. Desta forma, essa função cognitiva se torna fundamental para o desenvolvimento da compreensão leitora.

Para Dias e Seabra (2013. p. 207), a Memória de Trabalho também implica na “[...] manutenção da informação em mente por tempo limitado e à habilidade de manipular mentalmente essa informação [...]” Ou seja, essa função cognitiva possibilita que a criança estabeleça conexões entre ideias e integre novas informações com aquelas armazenadas na memória de longo prazo, ampliando seus conhecimentos e suas aprendizagens.

A Flexibilidade Cognitiva permite ao estudante utilizar o pensamento criativo e se adaptar às demandas do ambiente, ajustando seu comportamento. Essa habilidade é fundamental para que as crianças usem sua imaginação e criatividade para resolver problemas (Morton, 2013). A Flexibilidade Cognitiva também possibilita a mudança do foco, da atenção e da perspectiva (Dias; Seabra, 2013). Desta forma, a Função Executiva se refere à capacidade de adaptar o pensamento e a ação diante de diferentes situações e ambientes, permitindo uma abordagem mais criativa para situações diversas. Ao desenvolver a Flexibilidade Cognitiva, somos capazes de considerar diferentes contextos e lidar com problemas de maneiras variadas.

Essa função é importante em diversos ambientes, sendo no espaço escolar uma habilidade valiosa para a resolução de problemas, na tomada de decisões, como pensar antes de agir, e em interações sociais.

Portanto, todas as ações que são planejadas, ou seja, as ações não automatizadas, utilizam as Funções Executivas e estão diretamente ligadas ao raciocínio envolvido nessas atividades (Corso, 2023).

## **5.1 FUNÇÕES EXECUTIVAS EM SALA DE AULA**

Desenvolver as Funções Executivas em sala de aula é proporcionar aos estudantes ferramentas para resolver novos problemas (Fuentes; Lunardi, 2016). Considerando que essas funções cognitivas se desenvolvem desde o primeiro ano de vida até o início da vida adulta, com maior intensidade entre os seis e oito anos (Diamond, 2013), é fundamental adotar ações didáticas que favoreçam seu desenvolvimento ou refinamento em sala de aula.

As crianças que frequentam os Anos Iniciais do Ensino Fundamental atualmente, nascidas a partir de 2013, têm amplo acesso a dispositivos eletrônicos, como computadores, tablets e celulares. Embora esse acesso traga comodidade, ele pode limitar oportunidades de desenvolvimento espontâneo das Funções Executivas. De acordo com Fuentes e Lunardi (2016, p. 292)

Isso torna ainda mais essencial o planejamento de atividades em sala de aula que favoreçam o desenvolvimento dessas habilidades. Diante dessa necessidade, torna-se cada vez mais importante aos educadores o ensino de estratégias que abordem os processos das funções executivas de forma sistemática, a fim de ajudar os alunos na compreensão de como eles pensam e aprendem.

As Funções Executivas possibilitam diversas habilidades cognitivas, como pensar antes de agir, enfrentar novos desafios e imprevistos, resistir a tentações, manter o foco, pensar criativamente, adotar perspectivas diferentes e se adaptar a novas situações (Diamond, 2013). Quando desenvolvidas, essas habilidades permitem o comportamento intencional do estudante, caso contrário, podem afetar até o processo de aprendizagem de conteúdos acadêmicos e sociais. Segundo Blair (2013, p. 2)

[...] vários estudos demonstraram que as funções executivas estão relacionadas de modo significativo a muitos aspectos do desenvolvimento infantil, incluindo a competência socioemocional e a prontidão para o trabalho escolar na primeira infância.

Existem fatores externos que impactam o desenvolvimento das Funções Executivas, como questões socioeconômicas e emocionais.

Considerando que está demonstrado que a função executiva é um indicador do êxito escolar futuro e que está associada à saúde mental, é possível que ela possa, em parte, servir de elemento mediador do vínculo bem estabelecido entre o status socioeconômico e o êxito escolar. (Hook; Lawson; Farah, 2013, p. 2)

De acordo com autores aqui mencionados, FE bem desenvolvidas podem evitar o uso de substância ilícitas, a obesidade, a gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e garantir relações de trabalho e afetivas mais duradouras e estáveis, além de uma maior realização profissional. Ou seja, as FE seriam capazes de diminuir situações de vulnerabilidade.

Portanto, oportunizar situações em sala de aula com o objetivo e intencionalidade pedagógica de desenvolver essas funções é essencial. Como destaca Cypel (2015, p.392), as FE não se estruturam automaticamente. Considerando que “O cérebro é um órgão dotado de um alto grau de plasticidade; de fato, um conjunto de estudos recentes demonstra que os correlatos neurais da cognição podem ser alterados pela experiência ambiental.” (Hook; Lawson; Farah, 2013, p. 6) não podemos esperar que ações mediadas pelas professoras proporcionem o mesmo desenvolvimento para todos os estudantes. Embora as intervenções no ambiente escolar contribuam para o desenvolvimento das Funções Executivas, fatores externos e as condições sociais em que os alunos estão inseridos influenciam diretamente nesse processo.

Fuentes e Lunardi (2016, p. 292) afirmam que, diante das necessidades escolares atuais, “[...] torna-se cada vez mais importante aos educadores o ensino de estratégias que abordem os processos das Funções Executivas de forma sistemática, a fim de ajudar os alunos na compreensão de como eles pensam e aprendem”. Dessa maneira, uma proposta curricular que inclua e implemente as FE como parte das habilidades que devem ser fortalecidas e refinadas se torna essencial desde o início da jornada escolar. Esse enfoque contribui para formar estudantes capazes de protagonizar seu próprio processo de ensino, além de desenvolver habilidades necessárias para a aprendizagem.

## 5.2 ENTRE PALAVRAS E PRÁTICAS: EXPLORANDO AS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS

A análise detalhada das entrevistas narrativas permitiu uma reflexão sobre as falas das professoras e facilitou a organização dessas falas em três conceitos principais: Memória de Trabalho, Controle Inibitório e Flexibilidade Cognitiva. Essa categorização surgiu da observação de como as narrativas abordam diferentes aspectos das Funções Executivas nas práticas pedagógicas em sala de aula. Cada categoria reflete dimensões específicas do desenvolvimento cognitivo, o que evidência tanto os desafios quanto às estratégias aplicadas no contexto dos Anos Iniciais. Assim, a organização dos excertos em categorias contribui para uma compreensão mais aprofundada das relações entre teoria e prática no cotidiano escolar.

## 5.3 MEMÓRIA DE TRABALHO

A Memória de Trabalho, também chamada de Memória Operacional, é a capacidade do ser humano de manter uma informação em mente e trabalhar com ela, seja para relacioná-la a outra informação ou resolver um problema (Diamond, 2013). Desta forma, a Memória de Trabalho é uma habilidade que permite reter e manipular uma informação pelo tempo necessário para realizar uma tarefa. Sendo assim, ela

[...] refere-se à manutenção da informação em mente por tempo limitado e à habilidade de manipular mentalmente essa informação, seja atualizando os dados necessários a uma atividade, seja utilizando-os na realização da tarefa. (Dias; Seabra, 2013, p. 207)

A memória de trabalho é uma habilidade essencial para o estudante obter sucesso acadêmico, pois permite o acesso rápido às memórias preexistentes e a realização de inferências<sup>3</sup> (Izquierdo, 2018). Ao utilizar a Memória Operacional, é possível conectar novas descobertas aos conhecimentos já consolidados, o que promove uma compreensão mais ampla. A aquisição de novos conhecimentos só é

---

<sup>3</sup> DELL'ISOLA, Regina L. Péret. Inferência na leitura. *In*: FRADE, Isabel Cristina; VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG: Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/inferencia-na-leitura>. Acesso em: 20 dez. 2024.

possível por meio da Memória de Trabalho, o que reforça a sua importância no processo de aprendizagem escolar.

É considerada uma função executiva na medida em que [esta memória] permite que este conteúdo seja processado em relação a um propósito, a retenção de informações novas, a coordenação de diferentes informações sequenciais, de ideias, além da produção de inferências, ao permitir a coordenação de conhecimentos prévios e aqueles disponíveis na situação. (Salles; Paula, 2016, p.58)

A Memória de Trabalho é constantemente utilizada para estabelecer conexões com informações previamente adquiridas, permitindo também o processamento temporário (ou não) de novas informações. Esse processo pode ser aplicado na execução de uma atividade ou na integração dessas novas informações com os conhecimentos já existentes por um tempo limitado (Dias; Seabra, 2013).

Durante a primeira entrevista, com a Professora A, ao ser questionada sobre quais aspectos considera essenciais no desenvolvimento das crianças e como os avalia, a professora relatou que acredita ser fundamental que os estudantes compreendam o que leram. Para desenvolver a leitura oral e a compreensão dos estudantes, a professora utiliza da Leitura Dinâmica<sup>4</sup> em sala de aula.

Eles estão compreendendo mais, eles estão se escutando, porque normalmente a leitura é oral, eles têm que se escutar, eles têm que ver como é que eles estão lendo, então eles respeitam ponto, eles sabem que na interrogação eles têm que continuar, eles sabem que na vírgula eles têm que dar uma pausa, isso faz uma compreensão. Se eu vejo, por exemplo, que no final eles não compreenderam, a gente volta de novo ali, aí eu faço uma leitura do texto com eles, eu lendo e eles me escutando. E aí eu vejo onde que eles ainda não compreenderam direito, mas assim, funciona muito bem.

Professora A, 06/11/2024

A Professora A acredita que, ao final do quarto ano, os estudantes devem ser capazes de não apenas ler, mas também compreender e manipular as informações extraídas do texto. Essa habilidade é necessária para que eles consigam estabelecer conexões entre o que foi lido e seus conhecimentos prévios, além de aplicar essas informações de maneira prática e significativa. Para alcançar esse objetivo, a docente adota estratégias pedagógicas, incluindo a leitura oral

---

<sup>4</sup> Leitura Dinâmica em sala de aula é um método desenvolvido pela Prof<sup>a</sup> Evelyn Wood em 1946, enquanto buscava maneiras de otimizar a absorção rápida de conteúdos. (Avantes; Ledur, 2006)

coletiva, uma prática que permite a construção conjunta do significado do texto e promove o desenvolvimento de habilidades de interpretação. Quando percebe que a compreensão da turma ainda é insuficiente, realiza uma nova leitura, ajustando o ritmo e a entonação para facilitar o entendimento do conteúdo. Com essa abordagem, a professora busca garantir que todos os estudantes tenham a oportunidade de assimilar o texto plenamente, reforçando os processos de aprendizagem e estimulando o engajamento com a leitura.

A leitura que a Professora A espera de seus estudantes não se limita à decodificação de letras e palavras, mas envolve a habilidade de compreender o que foi lido e realizar inferências, ao relacionar a nova informação com os conhecimentos prévios do leitor, o que configura a Memória de Trabalho em funcionamento. A expectativa da professora de que os estudantes concluam o ano letivo compreendendo e interpretando o que leem, fundamenta-se em duas estratégias principais. Primeiramente, ao longo do ano, ela desenvolve a Memória de Trabalho dos estudantes, mesmo que de forma não intencional, o que possibilita que, ao final do processo, os alunos sejam capazes de compreender as informações lidas. Em segundo lugar, a professora é regente de uma turma do quarto ano, ou seja, de estudantes que já passaram pelo ciclo de alfabetização, estando agora na etapa em que o grande objetivo é o desenvolvimento da fluência leitora.

O desenvolvimento da habilidade de leitura, em termos de processamento, se faz por etapas. [A primeira seria a] logográfica, típica da criança pré-leitora [...]; depois uma etapa alfabética, em que a criança aplica intencionalmente na leitura as regras grafonológicas da escrita da sua língua; e enfim uma etapa ortográfica, em que a criança acessa automaticamente a representação da palavra em um léxico mental ortográfico. (Moraes; Leite; Kolinsky, 2013, p 20-21)

Ou seja, os estudantes da Professora A chegam ao quarto ano ao menos na etapa alfabética, e seu trabalho foca na ampliação da capacidade leitora, com o objetivo de que alcancem a proficiência ortográfica ao final de cada ano letivo. O desenvolvimento pleno destas etapas da leitura é importante para a realização das habilidades de predições e inferências, pois a compreensão profunda do texto exige não apenas a decodificação das palavras, mas também a capacidade de conectar informações explícitas a conhecimentos prévios para interpretar significados implícitos. Assim, a capacidade de realizar inferências está diretamente relacionada aos conhecimentos prévios que o leitor possui sobre um determinado tema e



[...] que lhe permite realizar as inferências necessárias para integrar as partes do texto a fim de compreender o conteúdo do mesmo. Essas inferências auxiliam o leitor a clarificar detalhes não mencionados no texto, e são o mesmo que ler nas entrelinhas do texto. (Faria; Júnior, 2013 p. 293)

Ao reconhecer as Funções Executivas como sendo centrais à habilidade de compreender um texto, avança-se em relação ao conhecimento das bases neurobiológicas da compreensão de leitura. Segundo Assis *et al* (2021. p. 4) “A aprendizagem da leitura é um processo longo, que se inicia pela habilidade de reconhecer palavras, avança com uma decodificação rápida e precisa, e culmina com a capacidade de compreender textos longos.” Desta forma, percebe-se que a capacidade de leitura que a professora entrevistada espera é uma competência que está atrelada às Funções Executivas e exige a ativação do córtex pré-frontal dos estudantes, mais especificamente, da Memória de Trabalho. Isso pode ser compreendido quando ela relata que seu objetivo é que os estudantes saiam do quarto ano com a capacidade de operar com informações recém adquiridas.

[...] ler o parágrafo e me dizer o que aconteceu, naquele parágrafo, né?

Professora A, 06/11/2024

Assim, ao esperar que os estudantes leiam um texto e sejam capazes de trabalhar com as informações recebidas – seja as relacionando a conhecimentos prévios ou relatando o aprendizado recém-adquirido – a professora está estimulando o uso da Memória de Trabalho, de modo que novas conexões sejam formadas no cérebro e memórias de longo prazo sejam consolidadas. Sabe-se que uma aprendizagem efetiva só ocorre quando há a promoção de uma memória duradoura. Salles e Paula (2016, p. 55) confirmam que “Os vários processamentos envolvidos na compreensão [textual] demandam memória de trabalho”. Isso ocorre porque essa função permite ao ser humano reter uma quantidade limitada de informações, geralmente entre dois e sete itens. Ela envolve tanto a capacidade de armazenar temporariamente essas informações, quanto o processamento delas ou de outros conhecimentos relacionados (Faria; Junior, 2013). Dessa forma, a Memória de Trabalho é responsável pela:

[...] habilidade para integrar ideias, a fim de desenvolver uma compreensão do material escrito, necessita tanto do armazenamento quanto do processamento, isto é, as informações prévias devem ser mantidas na

memória enquanto a nova informação é codificada e integrada. (Faria; Junior, 2013, p. 291)

Segundo Faria e Júnior (2013), realizar uma leitura proficiente é uma tarefa complexa que exige diferentes processos e habilidades cognitivas, como percepção, memória, inferência e uso de estratégias de monitoramento. Logo, é necessário planejar mediações em sala de aula que tenham como objetivo desenvolver essas habilidades cognitivas, reconhecendo sua importância tanto para a aprendizagem da leitura e da escrita quanto para a vida dos estudantes.

Outra proposta pedagógica que pode facilitar o desenvolvimento das Funções Executivas e, conseqüentemente, ampliar a capacidade leitora são os jogos não computadorizados (Diamond 2016). Quando integrados ao contexto escolar, os jogos atuam como aliados importantes no desenvolvimento da Memória Operacional. Durante a entrevista, a Professora B destacou o uso de jogos didáticos como uma ferramenta pedagógica para trabalhar conteúdos de Matemática e Língua Portuguesa com seus estudantes, promovendo um aprendizado de forma lúdica e interativa.

Eu gosto muito de trabalhar também com jogos. Então, trabalho em jogos substantivos, pronomes, assim como em matemática também. Jogos da tabuada, principalmente, porque muitos deles acabam não desenvolvendo todo o processo, por exemplo, da multiplicação, dos organismos, multiplicadores, e divisores também, por falta da memorização da tabuada, né?

Professora B, 06/11/2024

Segundo Fuentes e Lunardi (2016, p. 318), "Os alunos precisam de instruções focadas em metas específicas, desafiadoras e de curto prazo". Essas características devem estar descritas nos objetivos da aula da professora, pois mediações planejadas têm maior potencial para promover o desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais. Geralmente, as instruções podem ser encontradas na descrição dos jogos, sendo recursos que podem ser incorporados aos planejamentos da professora. Quando o estudante recebe orientações antes de iniciar um jogo com objetivos e metas previamente estabelecidos, ele ativa a Memória de Trabalho (associada ao Controle Inibitório, já que é preciso seguir as regras de uso) e precisa reter e processar as informações relacionadas ao funcionamento do jogo para alcançar seus objetivos. Dessa forma, os jogos se

tornam ferramentas valiosas no desenvolvimento das Funções Executivas, estimulando habilidades como planejamento, Controle Inibitório e Flexibilidade Cognitiva.

Quando a Professora C foi questionada sobre quais habilidades, além do conteúdo estabelecido para o ano escolar em que atua, busca desenvolver em sala de aula, a docente afirmou:

[...] já propus coisas pensando que eles precisam de habilidades de oratória, por exemplo, de oralidade. O que mais? De memória também, tipo memória de trabalho, por exemplo. Deve ter alguma atividade que eu tenha feito pensando nisso. Bom, para além de jogos de memória, por exemplo, mas um jogo que requer que eles precisem memorizar uma informação para trabalhar em cima dela depois, né. A gente tem alguns jogos que acaba meio que utilizando essa habilidade, assim.

Não só jogos, mas outras coisas também, né? Momentos de diálogo. Quando a gente faz uma leitura compartilhada e aí depois eu pergunto coisas em cima, requer muito dessa memória de trabalho. Então a gente tem que trabalhar em cima das informações para depois traduzi-las com as palavrinhas deles (estudantes).

Professora C, 07/11/2024

Em sua fala, a Professora C lista duas formas de desenvolver a Memória de Trabalho em sala de aula: por meio de jogos e da leitura de textos. Aqui a professora mostra conhecimento específico dessa função executiva e como faz para desenvolver e estimular o seu uso em tarefas cognitivas. O emprego de recursos didáticos, quando acompanhados de mediações planejadas com o objetivo específico de desenvolver a Memória de Trabalho, são formas eficazes de fortalecer e ampliar essa capacidade cognitiva. Quando uma informação é adquirida e, em seguida, utilizada para responder questões ou resolver um problema, a Memória de Trabalho é ativada e exercitada, favorecendo que estas informações sejam encaminhadas para a memória de longo prazo. Zardo (2023) descreve a Memória Operacional no contexto escolar como uma ferramenta que auxilia o aluno a dar sentido ao que estuda, uma vez que está vinculada à compreensão da linguagem falada e escrita. A partir dos relatos das professoras, percebe-se que elas reconhecem a importância do desenvolvimento da Memória Operacional nos estudantes, considerando sua aplicação no cotidiano da sala de aula.

De acordo com Faria e Júnior (2013, p. 298), "Dessa forma, os recursos da memória de trabalho afetam a capacidade individual para realizar muitos dos processos associados à construção da representação de texto, como os processos de integração e de inferência". O acesso aos conhecimentos prévios é essencial para desenvolver uma leitura crítica e resolver problemas matemáticos de forma eficaz. Para isso, os estudantes precisam elaborar inferências que conectem o conteúdo lido aos conhecimentos previamente adquiridos, mesmo em histórias matemáticas. Assim, os esforços das professoras para fortalecer a Memória de Trabalho, ainda que muitas vezes não percebam que estão fornecendo recursos que ajudam os estudantes a expandir os processos cerebrais necessários para o aprimoramento da Memória de Trabalho e de outras funções cognitivas, são válidos e essenciais para o crescimento dos alunos. Essas práticas incluem atividades como jogos, leituras seguidas de interpretação ou, como descreve a Professora A "[...] ler o parágrafo e dizer o que aconteceu".

As práticas em sala de aula e a estrutura do currículo escolar são planejadas para proporcionar aos estudantes o melhor aprendizado possível, levando em conta as condições ambientais, sociais, culturais e cognitivas. Izquierdo (2018, p. 15) aponta que "As possibilidades de que, ante uma situação nova, ocorra ou não um aprendizado estão determinadas pela memória de trabalho e suas conexões com os demais sistemas mnemônicos." Percebe-se que a literatura baseada em pesquisas recentes comprova a necessidade de ações que visem o desenvolvimento da Memória de Trabalho em sala de aula, principalmente de forma intencional e sistemática, como parte do planejamento. Conforme Diamond (2016), ao referir ao desenvolvimento das FE nas crianças, menciona que raramente um dos processos se desenvolve ou é exercido na ausência de outro. Isso ocorre, por exemplo, quando uma criança está gerenciando o Controle Inibitório para prestar atenção no que está lendo, evitando distrações. Nesse momento, ela também ativa a Memória de Trabalho para reter informações e confirmar inferências e predições<sup>5</sup> ao longo da leitura, e verificar suas hipóteses iniciais ao final do texto.

---

<sup>5</sup> COSCARELLI, Carla Viana. Antecipação na leitura (predição). In: FRADE, Isabel Cristina; VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG: Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/antecipacao-na-leitura-predicao>. Acesso em: 20 dez. 2024.

## 5.4 CONTROLE INIBITÓRIO

Diamond (2013, p. 137) explica que o controle inibitório é a capacidade de “[...] controlar a atenção, comportamento, pensamentos e/ou emoções para superar uma forte predisposição interna ou externa e, em vez disso, fazer o que é mais apropriado ou necessário.”<sup>6</sup> Essa Função Executiva é fundamental para a realização e conclusão de tarefas, bem como para a sustentação da atenção, elementos indispensáveis nos espaços de aprendizagem. Controlar impulsos permite ajustar ações de acordo com o ambiente em que estamos modulando comportamento, atenção e pensamento, práticas que Dias e Seabra (2013) designam como Controle de Interferência.

Na sala de aula, os estudantes são motivados a utilizar o Controle Inibitório de forma constante para aguardar seu turno de fala, se manter em silêncio e sentado durante a realização de uma atividade, adiar gratificações, ignorar conversas paralelas ou ruídos e direcionar sua atenção ao que a professora ou os colegas compartilham com a turma. Essas ações são importantes para o sucesso das dinâmicas pedagógicas, para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais necessárias ao processo de aprendizagem.

A inibição é grandemente relevante em inúmeras tarefas e situações do dia a dia, pois provê ao indivíduo o controle de seus processos cognitivos, emocionais e comportamentais, suplantando o controle por eventos externos, reações emocionais automáticas, tendências prévias ou habituais. (Dias; Seabra, 2013, p. 207)

Tendo em vista que as Funções Executivas representam um conjunto de processos cognitivos que oferecem suporte à resolução de problemas (Fuentes e Lunardi, 2016), o Controle Inibitório desempenha um papel central no planejamento de estratégias voltadas à regulação do comportamento. Ele permite que os estudantes ajustem suas ações de acordo com as demandas do ambiente e aos objetivos previamente estabelecidos. Essa Função Executiva é a primeira a iniciar seu desenvolvimento, aproximadamente aos doze meses de idade, e continua a se aperfeiçoar até a idade adulta, acompanhando a maturação do córtex pré-frontal, assim como ocorre com as demais Funções Executivas. (Dias; Seabra, 2013).

O Controle Inibitório permite que se faça escolhas conscientes, pois, como afirma Diamond (2013, p. 137), ele possibilita que “mudemos e que escolhamos

---

<sup>6</sup> Tradução nossa.

como reagimos e como nos comportamos em vez de sermos criaturas de hábitos irracionais.”<sup>7</sup> Essa capacidade de controlar impulsos e tomar decisões conscientes é especialmente relevante no contexto educacional, pois capacita os estudantes a ajustarem seu comportamento de acordo com às exigências da sala de aula. Tal regulação é essencial para que eles possam manter o foco, lidar com distrações e interagir de maneira produtiva com colegas e professores.

Essa troca entre a criança e a professora é muito importante, tu nota isso de professoras que tu pega do ano anterior e que não faziam [trocas com os estudantes], que as crianças são um robô, são mecânicas. Claro que isso aí tudo dentro de uma organização de sala de aula, né? Levantar a mão pra falar, respeitar o colega, né? Porque tem uns que se atropelam [...]

Professora A, 06/11/2024

Ao ser questionada sobre as ações voltadas para a organização das crianças e do espaço físico da sala de aula, a Professora A destacou a relevância dos combinados para o bom andamento das aulas e o funcionamento dos momentos de troca entre estudantes e docentes. Esses combinados ajudam a reforçar o Controle Inibitório, favorecendo o ajuste do comportamento considerado adequado para o ambiente escolar. Dessa forma, incentivam os alunos a pensar antes de agir, o que promove ações e falas mais respeitadas, além do uso do “filtro social”.

Em seu relato, a professora entrevistada enfatizou a importância das trocas que acontecem no contexto de sala de aula para o processo de aprendizagem. As interações entre os estudantes permite que sejam sujeitos ativos, com liberdade para argumentar, questionar informações e estabelecer conexões para a construção do conhecimento. Para que isso aconteça, é necessário que eles se sintam à vontade no ambiente escolar, com a segurança de que suas opiniões serão respeitadas. O Controle Inibitório desempenha um papel fundamental nessas atitudes, pois essa FE envolve conter comportamentos inadequados – sejam eles verbais ou não – permitindo que o aluno reflita antes de falar, de respostas mais ponderadas e exerça a autorregulação. Essa habilidade possibilita regular níveis de emoção, motivação e controlar processos cognitivos de forma mais eficaz. (Zardo, 2023).

---

<sup>7</sup> Tradução nossa.

Além disso, os estudantes estão constantemente expostos a inúmeros elementos e distrações que competem por sua atenção. Esses elementos incluem barulhos, pensamentos e sentimentos que, durante as aulas, podem dificultar a seleção das informações mais relevantes a serem registradas na memória e as que devem ser descartadas. A presença desses fatores muitas vezes impede o registro de memórias importantes, já que o foco se encontra disputado por estímulos diversos.

O desafio maior é porque eles ficam ali, muito desatentos. Hoje eles têm aqueles estojos enormes, aquela multipluralidade de lápis, aquela multipluralidade de caneta, marca, texto. Não consegue ter uma, tem um monte. Eu consigo ter um monte, eu. Mas eles não.

Professora A, 06/11/2024

A Professora A, que possui 55 anos e um córtex pré-frontal desenvolvido, o que lhe permite controlar sua atenção e ignorar estímulos externos como as cores, formatos e outras características chamativas dos seus materiais escolares. No entanto, para alcançar essa habilidade, foi necessário um processo gradual que favorecesse o desenvolvimento da sua atenção, que tem um papel

[..] tão importante que alguns pesquisadores afirmam que, sem ela, não há praticamente nenhuma memória. O processo de focar a atenção é especialmente importante para uma memória de trabalho eficiente. A capacidade do cérebro para fazer conexões, reter informações e recuperá-las é reforçada, principalmente, pela atenção. (Fuentes, Lunardi, 2016, p. 295-295)

O que me pergunto, a partir da fala da Professora A, é como podemos auxiliar as crianças a lidarem com esse universo de opções de materiais que elas têm acesso. No excerto abaixo, apresento exemplos de ações utilizadas pela Professora C para chamar a atenção dos estudantes com dificuldades no Controle Inibitório durante as aulas. Mas, novamente, como posso desenvolver estratégias que promovam maior domínio ou ampliação desse controle? Ações pedagógicas que auxiliem as crianças com dificuldades de se regularem são descritas na narrativa da Professora C.

[...] quando eu vejo que eles estão muito distraídos, eu chego perto, eu toco na classe, eu toco no ombro, no braço, enfim, pra meio que voltar a atenção deles para o agora, pra eles saírem um

pouco da cabecinha deles. [...] Outras estratégias, colocar perto de mim, colocar perto do quadro, quanto mais perto do quadro, menos distrações na sala. Colocar perto da porta, também com alguns ajuda, porque daí eu posso dar a eles um pouco mais de controle sobre algumas coisas. Como, por exemplo, pode apagar a luz pra mim, pode acender a luz pra mim, pode trocar as plaquinhas dos ajudantes, pode fechar a porta, pode abrir a porta, ou se alguém mesmo aparece ali, a pessoa já, essa criança já abre. Então, isso ajuda um pouco também, dar mais tarefas para esses alunos que são muito inquietos. E quando são tarefas chatas, dar em etapas, dar em pedacinhos.

Professora C, 07/11/2024

A atenção é uma função essencial para a aprendizagem e precisa ser constantemente estimulada nos ambientes escolares, de modo que os estudantes adquiram uma estrutura cognitiva capaz de permitir a concentração no que é mais importante. Quando a professora C relata que utiliza estratégias como se aproximar, tocar na classe ou no estudante para redirecionar a atenção ao que ocorre na sala de aula, ela está, na verdade, enviando um sinal ao cérebro da criança. Esses sinais, sejam internos ou externos, solicitam a concentração diante de uma informação importante e são capazes de beneficiar o estudante tornando possível a mudança de foco (Fuentes; Lunardi, 2016).

Outra maneira de favorecer a atenção do estudante é refletir como o conteúdo é apresentado na sala de aula.

Podemos dizer que o cérebro tem uma motivação intrínseca para aprender, mas só está disposto a fazê-lo para aquilo que reconheça como significativa. Portanto, a maneira primordial de capturar a atenção é apresentar o conteúdo a ser estudado de maneira que os alunos o reconheçam como importante. (Cosenza; Guerra, 2011, p. 48)

A maneira como um conteúdo é introduzido aos estudantes influencia diretamente a forma como eles irão processar e trabalhar com esse novo conhecimento. A mobilização da motivação, por meio da motivação prévia, serve como uma estratégia para capturar a atenção dos estudantes e envolvê-los emocionalmente com o que está sendo proposto. Quando uma informação é marcada como relevante no cérebro, ela entra na memória de curto prazo e, em seguida, é processada na memória de longo prazo, tornando-se, assim, uma aprendizagem (Fuentes; Lunardi, 2016). É crucial que as aulas sejam bem planejadas, de modo a capturar a atenção do estudante, que precisarão utilizar o



Controle Inibitório para ignorar as demais informações do ambiente e se concentrar no que importa mesmo em determinado momento. Essa ação, necessária por parte do estudante, torna-se mais simples em uma aula na qual ele esteja engajado e com a atenção voltada para o que está sendo ensinado. Quando estamos motivados a aprender, tendemos a lembrar melhor das informações oferecidas.

A Professora A relata a falta de motivação dos estudantes como um desafio recorrente em sala de aula. Ela destaca que essa desmotivação muitas vezes exige adaptações e mudanças no planejamento diário, uma vez que atividades previamente estruturadas podem não surtir o efeito esperado. O Controle Inibitório, que nos permite controlar nossas emoções e comportamentos (Dias; Seabra, 2013), torna-se fundamental nesse contexto de desmotivação. Essa flexibilidade no planejamento demonstra a necessidade de uma abordagem pedagógica sensível às circunstâncias e demandas específicas de cada grupo de estudantes.

E, normalmente, tu chega na sala de aula e tu não consegue dar o que tu planejou, porque as crianças não estão afim, não estão naquele dia, não estão conectadas nisso aí, né?

Professora A, 06/11/2024

Condições como o sono influenciam diretamente no funcionamento da atenção e da memória, assim como o estado de alerta excessivo provocado pela ansiedade (Cosenza; Guerra, 2011). Por isso, é fundamental que os estudantes tenham condições adequadas para desenvolver a aprendizagem. Fatores familiares, sociais ou de saúde podem interferir no sono, levando a noites mal dormidas e sonolência excessiva durante as aulas, ou desencadeando níveis de ansiedade que mantêm o estudante em um estado de alerta constante, dificultando sua capacidade de atenção no ambiente escolar. Situações que foram levadas ao extremo com a pandemia da Covid-19 e com as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul.

Definir metas motivadoras é uma estratégia eficaz para envolver os alunos nas tarefas escolares, além de reconhecer e valorizar seu esforço. O Controle Inibitório, diretamente relacionado à motivação do estudante, é fortalecido quando há uma recompensa ao final de uma atividade menos prazerosa. Estabelecer objetivos claros, desafiadores e de curto prazo também auxilia os estudantes a manterem o foco na execução da tarefa, proporcionando incentivos imediatos que estimulam a concentração (Fuentes; Lunardi, 2016). Assim, a forma como a

professora planeja e propõe uma atividade ou explica um conteúdo está diretamente relacionada à atenção que os estudantes irão dedicar ao que ocorre na sala de aula. Um planejamento bem estruturado, com objetivos claros e estratégias que despertem o interesse dos alunos, favorece o engajamento e facilita a manutenção do foco, promovendo um ambiente propício à aprendizagem.

## 5.5 FLEXIBILIDADE COGNITIVA

A flexibilidade cognitiva está relacionada às outras Funções Executivas visto que,

Para mudar de perspectivas, precisamos inibir (ou desativar) nossa perspectiva anterior e carregar (ou ativar) na Memória de Trabalho uma perspectiva diferente. É neste sentido que a flexibilidade cognitiva requer e se baseia no controle inibitório e na Memória Operacional. (Diamond, 2013, p. 149)<sup>8</sup>.

O desenvolvimento da Flexibilidade Cognitiva ocorre de forma mais tardia, pois essa habilidade depende do suporte das outras duas Funções Executivas centrais: a Memória de Trabalho e o Controle Inibitório. De acordo com Dias e Seabra (2013), essa função apresenta um progresso significativo entre os cinco e sete anos de idade.

A Flexibilidade Cognitiva possibilita a alternância da atenção entre diferentes informações, permitindo a seleção da mais relevante em um determinado contexto. Além disso, essa habilidade favorece a adaptação e o ajuste de estratégias utilizadas para concluir tarefas ou alcançar objetivos. Ela também é essencial para adotar diferentes perspectivas, evitar conclusões precipitadas e transformar a maneira de pensar sobre algo, promovendo o "pensar fora da caixa" (Diamond, 2013). Por meio do desenvolvimento da Flexibilidade Cognitiva, é possível aprimorar habilidades como resolução de problemas, criatividade e adaptação a novas situações.

No contexto escolar, é necessário que os estudantes tenham conhecimento dos objetivos, estabeleçam metas claras, recebam instruções bem definidas e compreendam o tempo disponível para a tarefa. Essas ações são fundamentais para o estudante elaborar um planejamento direcionado à conclusão de uma atividade. Para que esse planejamento ocorra, é necessário que os alunos utilizem das Funções Executivas, visto que são

---

<sup>8</sup> Tradução nossa.

o conjunto de habilidades e capacidades que nos permitem executar as ações necessárias para atingir um objetivo. Nelas se incluem a identificação de metas, o planejamento de comportamentos e a sua execução, além do monitoramento do próprio desempenho, até que o objetivo seja consumado. (Cosenza; Guerra, 2011, p. 81)

Na sala de aula, o educador que incorpora em seu planejamento práticas voltadas ao desenvolvimento da habilidade dos estudantes de planejar, por meio da definição de metas e de priorização de atividades, está ensinando estratégias para que eles alcancem sua independência como aprendizes. As atividades escolares,

“[...] na maioria das vezes, são focadas na memorização, no raciocínio lógico e na expectativa ou crença de que o estudante comum desenvolverá por conta própria a capacidade de planejar seu tempo, priorizar informações, monitorar seu progresso e refletir sobre seu trabalho. (Fuentes; Lunardi, 2016, p. 292)

É necessário ensinar estratégias que permitam os estudantes desenvolver planejamentos para a realização de tarefas ou a conquista de objetivos. No entanto, esses planejamentos frequentemente precisam ser ajustados e adaptados. A Flexibilidade Cognitiva oferece o suporte necessário para que os estudantes consigam reformular suas prioridades. Ensinar os alunos a desenvolver planos eficazes é essencial, mas igualmente importante é prepara-los para lidar com imprevistos e mudanças de contexto, que podem exigir ajustes ao que estava inicialmente traçado. A Flexibilidade Cognitiva desempenha um papel crucial nesse processo, pois permite que os alunos revisem, adaptem e reformulem seus planejamentos de maneira criativa.

Por meio do desenvolvimento da Flexibilidade Cognitiva, os estudantes não apenas aprendem a lidar melhor com mudanças, mas também aprimoram competências como pensamento crítico, tomada de decisão fundamentada e a habilidade de trabalhar de forma colaborativa, respeitando diferentes perspectivas. Isso os prepara para enfrentar desafios acadêmicos, sociais e profissionais com maior confiança e adaptabilidade.

Então, eu gosto sempre de diversificar e trabalhar em grupos, porque eu acho que eles se ajudam, né? Então, eu trabalho em grupos e também faz com que esses grupos eles sejam trocados de vez em quando, para que eles então tenham o contato com todos os colegas e saibam também trabalhar com essas dificuldades, porque às vezes tem aquela coisa assim, ah, não gosto do fulano, mas que eles saibam lidar com isso. Então, eu gosto muito de trabalhar em grupos com eles, né?

E que esses grupos, então, não fiquem só assim, ah, eu terminei a minha atividade, pronto, sabe? Que eles, então, também tenham essa compreensão de que, ah, eu tô num grupo e esse grupo eu tô vendo que tem um colega com dificuldade, eu sei muito aquilo. Então, eu sempre incentivo para que eles, então, ajudem o colega.

Professora B, 06/11/2024

A narrativa da Professora B demonstra a intencionalidade ao organizar os estudantes em grupo. Conviver com pessoas diferentes, que possuem pensamentos e conhecimentos distintos, contribui para o desenvolvimento da Flexibilidade Cognitiva, permitindo a aquisição de habilidades como considerar diferentes perspectivas, reavaliar estratégias, explorar novas abordagens para resolver problemas e ampliar sua capacidade de pensar de forma inovadora.

O trabalho em grupo, especialmente quando organizado de maneira intencional, oferece um ambiente propício para o exercício da adaptação, negociação e resolução de conflitos, habilidades diretamente relacionadas à Flexibilidade Cognitiva.

O ambiente escolar deve ser estruturado de maneira a oferecer diversas oportunidades para que os alunos apliquem os conhecimentos adquiridos de maneira flexível. Isso significa criar situações que estimulem o uso criativo e dinâmico das informações, permitindo que os estudantes transfiram o que aprenderam para diferentes contextos e resolvam problemas reais. Projetos interdisciplinares, atividades práticas, dinâmicas em grupo e situações-problema são ações que podem fazer parte do planejamento das professoras, com o objetivo de promover o desenvolvimento da Flexibilidade Cognitiva.

Eu disponho, olha, tá acontecendo isso, isso, isso. Como é que a gente vai resolver isso? A mesma coisa nas aulas, né? Olha, eu preciso, a gente precisa ver esse conteúdo, né? Não tá dando, mas a gente vai resolver, sabe? Eu sempre tento passar pra eles, né? Para que eles, então, entendam que naquele momento não é possível, né? Então, sempre passo pra eles. E no início do ano também a gente faz certos combinados, e aí durante todo o ano a gente vai relembando aqueles combinados, né?

Professora D, 11/11/2024

Ao proporcionar essas experiências, a escola não apenas favorece o desenvolvimento da Flexibilidade Cognitiva, mas também prepara os estudantes

para os desafios de uma sociedade em constante transformação, em que a capacidade de se adaptar e inovar é essencial para o sucesso pessoal e profissional. Atividades em pares ou grupos, segundo Dias e Seabra (2013) permitem a regulação de comportamentos. Para que as Funções Executivas sejam mais efetivamente desenvolvidas em sala de aula, o apoio familiar dos estudantes também é importante. Práticas como, o estímulo à leitura e a participação em atividades culturais e sociais contribuem significativamente para esse desenvolvimento. Além disso, um ambiente familiar que valorize o aprendizado ajuda a fortalecer a autonomia e o interesse dos estudantes pelos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Porque através da leitura, tu consegue ter a escrita melhor, tu consegue ter ideias melhores para colocar no texto, né? Então, eu acho que isso tudo teria que vir um pouquinho da família, sabe?

Professora B, 06/11/2024

Através das histórias, também podemos descobrir novas perspectivas. O conceito de “ideias” que a Professora B traz em sua narrativa pode ser compreendido como os pontos de vistas ou diferentes contextos em que vivemos. A leitura é capaz de apresentar aos estudantes lugares, culturas e realidades, ampliando sua percepção de mundo e desenvolvendo a flexibilidade e empatia ao colocá-los em contato com outros contextos. A narrativa da Professora B destaca como as ideias apresentadas em histórias e textos literários podem funcionar como ferramentas poderosas para estimular a criatividade, o pensamento crítico e a Flexibilidade Cognitiva.

Ao se deparar com diferentes personagens, cenários e conflitos, os estudantes aprendem a considerar perspectivas, questionar preconceitos e analisar situações a partir de diferentes pontos de vista. A leitura também pode incentivar o debate entre os estudantes sobre o texto, ampliando as possibilidades de desenvolver a Flexibilidade Cognitiva. Quando incentivados a interpretar e debater as histórias que leem, os estudantes desenvolvem competências de comunicação e argumentação necessárias para seu crescimento escolar, social e emocional.

Além do texto literário, outros gêneros textuais podem ser utilizados para o desenvolvimento da Flexibilidade Cognitiva dos estudantes.

O uso [de] piadas para ensinar pensamento flexível para os alunos de séries iniciais tem sido bastante útil. [...] Frases ambíguas, charadas e palavras com significados diferentes podem estar presentes de forma divertida, para ensinar a flexibilizar entre significados, usando-se pistas de contexto [...](Fuentes e Lunardi 2016, p. 299)

Ou seja, a diversidade de gêneros textuais possibilita que os estudantes explorem diferentes pontos de vista, estilos de linguagem e contextos comunicativos, promovendo a capacidade de adaptação, a análise crítica e resolução de problemas em situações diversas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para investigar se as Funções Executivas (FE) estão sendo estimuladas nas escolas, adotou-se a entrevista narrativa com abordagem qualitativa como metodologia. Foram selecionadas quatro professoras, de escolas das redes municipal, estadual e privada, que lecionam para turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As entrevistas ocorreram presencialmente nas escolas onde as professoras trabalham e possibilitaram a (re)construção de suas narrativas. A partir das narrativas, foi possível compreender a trajetória da formação das professoras, suas intencionalidades em sala de aula para além dos conteúdos acadêmicos e os métodos empregados para alcançar os seus objetivos.

Foi utilizado um roteiro estruturado, que guiou as entrevistas e estimulou as professoras a compartilharem memórias e vivências de sala de aula. As entrevistas narrativas revelaram estratégias pedagógicas voltadas para o estímulo das Funções Executivas dos estudantes, com atividades que promovem a Memória de Trabalho, o Controle Inibitório e a Flexibilidade Cognitiva, entretanto, houve pouca manifestação sobre o conhecimento relativo ao conceito. Além disso, a metodologia permitiu identificar os desafios enfrentados no cotidiano escolar de acordo com as professoras como, a necessidade de formação continuada e o pouco apoio familiar. As informações obtidas através das narrativas, oferecem uma visão ampla das práticas adotadas, mas foi possível considerar que há a necessidade de maior informação sobre o que são Funções Executivas e como estas podem ser intencionalmente estimuladas e ampliadas no ambiente escolar.

O interesse por essa pesquisa surgiu durante a disciplina cursada no sexto semestre, intitulada “Inclusão Escolar e Prática Pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra dos Santos Andrade. Foi nas aulas que tive o primeiro contato com o conceito de Funções Executivas e comecei a refletir sobre como essas habilidades poderiam ser estimuladas em sala de aula e como estão implicadas com a maior ou menor capacidade cognitiva da criança. Já que as Funções Executivas se configuram como as funções cognitivas incumbidas de regular e orientar processos mentais mais complexos, que permitem adaptar comportamentos de acordo com as demandas do ambiente, seja escolar, familiar, nas relações de trabalho (futuramente) etc. Ao definir o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, decidi ouvir as professoras dos Anos Iniciais para

compreender as práticas que utilizam em sala para promover essas funções. Entretanto, considerando que o conceito de Funções Executivas é relativamente recente e a pouco tempo está sendo introduzido no curso de Pedagogia da UFRGS, as professoras não foram perguntadas diretamente sobre como desenvolvem as FE em sala de aula, com o intuito de não gerar desconforto ao longo da conversa. Ao finalizar este trabalho, no entanto, penso que a pergunta poderia ter sido feita ao final da entrevista narrativa para verificar se tinham conhecimento sobre o assunto e o quanto conheciam dele. A análise a partir dos relatos, se focou em verificar se e como as ações em sala de aula favorecem o desenvolvimento dessas habilidades, mesmo sem nomeá-las de modo específico.

A pesquisa aborda uma temática relevante, pois as Funções Executivas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes. Essas habilidades são essenciais para a autorregulação, a resolução de problemas, a tomada de decisões e o aprendizado efetivo, impactando diretamente no desempenho escolar e na capacidade de lidar com questões sociais e emocionais da vida. Compreender como essas funções estão sendo desenvolvidas no contexto educacional pode subsidiar a criação de estratégias pedagógicas mais eficazes e intencionais, contribuindo para o desenvolvimento dos alunos. Além disso, os resultados podem auxiliar as professoras na identificação de práticas que estimulem as Funções Executivas em crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Este trabalho buscou investigar se o desenvolvimento das Funções Executivas é estimulado nas salas de aula dos Anos Iniciais e se as professoras entrevistadas reconhecem quando promovem práticas que favorecem essas habilidades. As narrativas das professoras revelaram que, em muitos casos, as Funções Executivas são estimuladas de forma não intencional, devido à ausência desse conceito na formação inicial das professoras. A Professora C, formada há dois anos pela UFRGS foi a única entrevistada que demonstrou em sua narrativa conhecer as três habilidades principais das Funções Executivas.

A dificuldade de acesso à formação continuada é o principal obstáculo para que ações que estimulem as Funções Executivas sejam realizadas de maneira não intencional. Após a graduação, é essencial que as professoras se mantenham atualizadas sobre novos conceitos e práticas pedagógicas, garantindo assim o suporte necessário para o seu planejamento e para o desenvolvimento dos



estudantes. No entanto, jornadas de trabalho exaustivas, somadas à falta de tempo e recursos financeiros, frequentemente dificultam o investimento em formação continuada. Além disso, a ausência de políticas públicas e programas de capacitação acessíveis agrava ainda mais essa situação, deixando muitos professores sem suporte para compreender e utilizar novas estratégias. Essa lacuna pode resultar em práticas pedagógicas que, embora bem-intencionadas, carecem de fundamentação teórica, limitando seu impacto positivo no desenvolvimento das FE dos alunos. Aparecendo de forma esporádica e não como o objetivo mesmo da proposta pedagógica, e sabemos que para o desenvolvimento de habilidades é necessário repetição e constância.

Portanto, é urgente criar condições que favoreçam a formação continuada, incluindo a oferta de cursos flexíveis, materiais acessíveis e momentos de troca entre os profissionais da educação. Dessa forma, será possível promover uma prática pedagógica mais intencional e eficaz, alinhada às demandas contemporâneas de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Cláudia; CUNHA, Nathalya; ABREU, Luiz Carlos de; BEZERRA, Italla Maria. Percepção dos professores sobre funções executivas e a importância no processo de aprendizagem. **Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 36, 2024. DOI: 10.12957/interag.2023.81971. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/interagir/article/view/81971>. Acesso em: 19 set. 2024.
- ANDRADE, S. S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Organizadoras). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012, p. 173-194.
- ASSIS, É. F. DE. *et al.* Relações entre a Compreensão de Leitura, Resolução de Problemas de Raciocínio Quantitativo e Funções Executivas. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 27, p. e21004, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SrpwjmjvDNHfW3hpcdxypjR/>. Acesso em: 20 set. 2024.
- AVANTES, Geraldo Ronchetti; LEDUR, Paulo Flávio. **Leitura dinâmica e aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 2006.
- BLAIR, Clancy. **As Funções Executivas na Sala de Aula**. Canadá, 2013. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/pdf/expert/funcoes-executivas/segundo-especialistas/funcoes-executivas-na-sala-de-aula>. Acesso em: 1 dez. 2024.
- CANTIERE, Carla Nunes. **Intervenção em funções executivas em alunos dos três anos iniciais do ensino fundamental e sua relação com desempenho cognitivo e perfil comportamental**. Orientador: Luiz Renato Rodrigues Carreiro. 2018. 139 p. Tese (Doutorado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/46d27cac-5980-4c20-b641-aa810889d73e/content>. Acesso em: 24 set. 2024.
- CARVALHO, Chrissie; ABREU, Neander. Estimulando Funções Executivas em sala de aula: o Programa Heróis da Mente. **Anais do Seminário Tecnologias Aplicadas a Educação e Saúde**, Bahia, p. 34-48, 17 nov. 2014. I Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Narrative inquiry: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- CORSO, Helena Vellinho *et al.* Metacognição e Funções Executivas: Relações entre os Conceitos e Implicações para a Aprendizagem. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 29, ed. 1, p. 21-29, jan/mar 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/SzJ3qv7qDLqdncBNfnz4Xnb/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 19 out. 2024.

COSCARELLI, Carla Viana. Antecipação na leitura (predição). *In*: FRADE, Isabel Cristina; VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG: Faculdade de Educação, 2014. Disponível em:

<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/antecipacao-na-leitura-predicao>. Acesso em: 20 out. 2024.

COSENZA, Ramon M; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed. 2011.

DA COSTA, Cláudio Sergio. **Neuroeducação**: um diálogo entre a neurociências e a sala de aula. Orientador: Márcia Finimundi Nóbile. 2021. 159 p. Tese (Doutorado em Educação em Ciências.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/237631/001138520.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 nov. 2024.

DELL'ISOLA, Regina L. Péret. Inferência na leitura. *In*: FRADE, Isabel Cristina; VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG: Faculdade de Educação, 2014. Disponível em:

<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/inferencia-na-leitura>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DIAMOND, Adele. Executive Functions. **Annual Review of Psychology**, Califórnia, v. 64, p. 135-168, jan 2013. Disponível em:

<https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev-psych-113011-143750>. Acesso em: 4 nov. 2024.

DIAMOND, Adele. Why improving and assessing executive functions early in life is critical. *In*: GRIFFIN, J.A; MCCARDLE, P.; FREUND, L.S (ed.). **Executive Function in Preschool-Age Children**: integrating measurement, neurodevelopment, and translational. Washington: American Psychological Association, 2016. cap. 1, p. 11-43. Disponível em:

[https://devcogneuro.com/Publications/Diamond\\_\(2016\)\\_Why\\_improving\\_and\\_assessing\\_executive\\_functions.pdf](https://devcogneuro.com/Publications/Diamond_(2016)_Why_improving_and_assessing_executive_functions.pdf). Acesso em: 13 nov. 2024.

DIAMOND, Adele; LEE, Kathleen. Interventions shown to Aid Executive Function Development in Children 4–12 Years Old. **Science**, Washington, p. 959-964, 2011. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/51581606\\_Interventions\\_Shown\\_to\\_Aid\\_Executive\\_Function\\_Development\\_in\\_Children\\_4\\_to\\_12\\_Years\\_Old](https://www.researchgate.net/publication/51581606_Interventions_Shown_to_Aid_Executive_Function_Development_in_Children_4_to_12_Years_Old). Acesso em: 2 dez. 2024.

DIAS, Natália Martins; SEABRA, Alessandra Gotuzo. Funções executivas: desenvolvimento e intervenção. **Temas sobre Desenvolvimento**, [s. l.], p. 206-212, 2013. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/281177320\\_funcoes\\_executivas\\_desenvolvimento\\_e\\_intervencao](https://www.researchgate.net/publication/281177320_funcoes_executivas_desenvolvimento_e_intervencao). Acesso em: 19 nov. 2024.

FARIA, E. L. B; MOURÃO JÚNIOR, C. A. Os recursos da memória de trabalho e suas influências na compreensão da leitura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 2, p. 288–303, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/9bf4TgR4jyB9gVHRb4rYNxb/>. Acesso em: 1 nov. 2024.

FERREIRA, Gabriel Nunes. **Educação das funções executivas**: Revisão narrativa sobre os meios de aprimorar as funções executivas de alunos em ambiente escolar através de programas de intervenção. Orientador: Renata Menezes Rosat. 2022. 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/240056>. Acesso em: 9 nov. 2024.

FRADE, Isabel Cristina; VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG: Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/>. Acesso em: 20 out. 2024.

FUENTES, D; LUNARDI, L. Funções Executivas na Sala de Aula. *In*: Malloy-Diniz LF; Mattos; Abreu N; Fuentes D. (Org.). **Neuropsicologia - Aplicações Clínicas**. 1ed. Porto Alegre: Artmed, 2016, v., p. 291-300.

GERHARDT, Tatiana; Silveira, Denise Tolfo (org.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009.

GOMES DE SÁ, Marcio; CARVALHO BENÍCIO DE MELLO, Sérgio. Aprendendo com as narrativas num estudo sobre reflexividade e articulação empreendedora. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 43, ed. 1, p. 175-206, jan/fev 2009. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6684/5267>. Acesso em: 4 nov. 2024.

HOOK, Cayce; LAWSON, Gwendolyn; FARRAH, Martha. **Status Socioeconômico e Desenvolvimento das Funções Executivas**. Canadá, 2013. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/funcoes-executivas/segundo-especialistas/status-socioeconomico-e-desenvolvimento-das-funcoes>. Acesso em: 19 dez. 2024.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, M. MARINS, Milena Alves Rodrigues de Souza. **Os modelos de memória e as funções executivas no desenvolvimento da alfabetização**: um estudo teórico das publicações realizadas no jornal letra a (CEALE). Orientador: Michelle Castro Lima. 2020. 40 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia, Goiania, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/1018/1/Trabalho%20de%20conclusao%20de%20curso\\_Milena%20Marins.pdf](https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/1018/1/Trabalho%20de%20conclusao%20de%20curso_Milena%20Marins.pdf). Acesso em: 10 nov. 2024. LEZAK, Muriel. The problem of assessing executive functions. **International Journal of**

**Psychology**, [s. l.], v. 17, p. 281-297, fev 1982. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1080/00207598208247445>. Acesso em: 15 out. 2024.

MORAIS, José; LEITE, Isabel; KOLINSKY, Régine. Entre a pré-leitura e a leitura hábil: condições e patamares da aprendizagem. *In*: CARDOSO-MARTINS, Cláudia. **Alfabetização no século XXI**: como se aprende a ler e a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013. cap. 1, p. 17-48.

MORTON, Bruce. **Funções Executivas**. Canadá, 2013. Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/pdf/complet/funcoes-executivas#:~:text=Memória%20de%20trabalho%3A%20A%20capacidade,de%20prioridade%20entre%20várias%20tarefas>. Acesso em: 13 out. 2024.

MOSSMANN, João Batista. **Exergames como mediadores da estimulação de componentes das funções executivas em crianças do ensino fundamental I**. Orientador: Eliseo Berni Reategui. 2018. 53 p. Tese (Doutorado em Informática na Educação.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/254037>. Acesso em: 19 set. 2024.

MOURA, Claudio Burlas de. **Funções Executivas: Fundamentos de aprendizagem e do comportamento**. 1. ed. Santa Catarina: Clube de Autores, 2018.

MUYLAERT, C. J. *et al.* Narrative interviews: an important resource in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. spe2, p. 184-189, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYCT/?lang=pt>. Acesso em: 4 nov. 2024.

OLDANI, Pamella. **“O melhor termômetro é a professora”**: narrativas de professoras sobre dificuldades de aprendizagem. Orientador: Sandra dos Santos Andrade. 2019. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/206852/001113930.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 set. 2024.

OLIVEIRA, Mariana Carreira. **Jogos digitais cognitivos**: possibilidades de trabalho pedagógico para o aprimoramento das funções executivas. Orientador: Daniela Karine Ramos. 2016. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/197531>. Acesso em: 5 out. 2024.

OLIVEIRA, Mariana Carreira; RAMOS, Daniela Karine. Jogos cognitivos na escola: percepção das crianças sobre o aprimoramento das funções executivas. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], n. 56, p. e11199, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/11199>. Acesso em: 9 set. 2024.

PAIVA, V. L. M. DE O. E. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 261–266, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 4 out. 2024.

RAMOS, D. K. *et al.* O uso de jogos cognitivos no contexto escolar: contribuições às funções executivas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 2, p. 265–275, maio 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/FNqKBGyKTrFJDzFvH8mZTkG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 dez. 2024.

RAMOS, D. K.; SEGUNDO, F. R. Jogos Digitais na Escola: aprimorando a atenção e a flexibilidade cognitiva. **Educação & Realidade**, v. 43, n. 2, p. 531–550, abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/MFpkYYqT4x9cZXQtwLSXpBm/>. Acesso em: 25 set. 2024.

RAMOS, Daniela Karine *et al.* Intervenções com jogos em contexto educacional: contribuições às funções executivas. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 316-335, ago. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872019000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872019000200011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 out. 2024.

RAMOS, Daniela Karine; ROCHA, Natália Lorenzetti da. Avaliação do uso de jogos eletrônicos para o aprimoramento das funções executivas no contexto escolar. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo, v. 33, n. 101, p. 133-143, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-8486201600020003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-8486201600020003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 dez. 2024.

SALLES, J. F. DE; PAULA, F. V. DE. Compreensão da leitura textual e sua relação com as funções executivas. **Educar em Revista**, n. 62, p. 53–67, out. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/VfxkGbJJ8vvp4VHsL9fxbFn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2024.

SILVA, Amanda Becker e. **Efeitos de uma intervenção escolar em compreensão leitora em alunos com diferentes perfis de dificuldade em leitura**: três estudos de caso. Orientador: Helena Vellinho Corso. 2021. 108 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/243073>. Acesso em: 27 out. 2024.

SILVEIRA, D. T., & CÓRDOVA, F. P. **A. pesquisa científica**: métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora: UFRGS 2009.

W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. ZARDO, Andressa Loise. **Convergências entre educação e neurociências**: funções executivas na educação infantil. Orientador: Tânia Maria Rechia Schroeder. 2022. 101 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, 2022. Disponível em:

[https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/6252/6/Andressa\\_Zardo.2022.pdf](https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/6252/6/Andressa_Zardo.2022.pdf). Acesso em:  
29 nov. 2024.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Está sendo elaborada para fins de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e tem como objetivo refletir, a partir de entrevistas narrativas, se as Funções Executivas são estimuladas no contexto de salas de aulas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para isto será realizada uma entrevista narrativa com professoras que desenvolvem o seu trabalho nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a fim de coletar informações sobre sua sala de aula e a organização do seu fazer pedagógico.

Assim, seu consentimento é solicitado para que a pesquisadora responsável pela entrevista, Luiza Amaro, aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia, possa realizar este trabalho. As entrevistas narrativas serão gravadas para fins de uso na pesquisa com maior fidedignidade a fala original sendo que, logo após a sua utilização na escrita do TCC, as gravações serão eliminadas.

A professora entrevistada pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo. Em caso de desistência, os dados previamente coletados não serão utilizados.

Os dados e resultados do estudo serão analisados e utilizados APENAS para fins de pesquisa. Os nomes das participantes e das instituições de ensino não serão mencionados no trabalho escrito e na apresentação oral do TCC, nem em possíveis trabalhos escritos e apresentações posteriores sobre o TCC.

Eu \_\_\_\_\_ abaixo assinado, autorizo Luiza Amaro, estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas.

---

Assinatura da professora entrevistada

---

Assinatura da aluna-pesquisadora

A aluna-pesquisadora Luiza Amaro (celular (51) 980111900) é orientada pela Profa. Dra. Sandra dos Santos Andrade, professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (celular 99328-5697).

Desde já agradeço a participação nesta pesquisa.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de novembro de 2024.



## **APÊNDICE B - APRESENTAÇÃO DA ENTREVISTA**

### **APRESENTAÇÃO**

Sou estudante do último semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e estou realizando uma pesquisa utilizando a entrevista narrativa como metodologia. Essa pesquisa compõe meu Trabalho de Conclusão (TC) que tem como objetivo refletir sobre como as professoras dos Anos Iniciais organizam o processo de ensino e como algumas habilidades importantes no desenvolvimento infantil podem surgir nas atividades diárias de sala de aula.

Assim, ouvir sua experiência na educação dos estudantes dos Anos Iniciais do 'Ensino Fundamental e suas percepções sobre práticas pedagógicas e o impacto delas no desenvolvimento das crianças, criando assim uma narrativa será de extrema relevância para a pesquisa. Vamos falar sobre algumas habilidades que as crianças desenvolvem ao longo dos primeiros anos escolares, como a capacidade de se concentrar, lembrar instruções, resolver problemas de maneiras diferentes e lidar com situações em que precisam esperar ou controlar impulsos. Quero compreender se, na sua prática pedagógica, você percebe atividades ou abordagens que ajudam as crianças a desenvolver essas habilidades.

### **PERGUNTAS:**

- 1) Você poderia relatar como foi o processo para tornar-se professora?
  
- 2) Como você costuma planejar suas aulas?
  
- 3) Quais aspectos de modo geral você considera essenciais no desenvolvimento das crianças dos Anos Iniciais e como você os avalia?
  
- 4) Como você organiza o espaço da sala de aula?
  
- 5) Quais são os principais desafios que você observa no comportamento das crianças em sala? Como você adapta suas atividades para ajudar as crianças a superar esses desafios? Você acha que o perfil das crianças tem mudado nos últimos tempos?

- 6) Você percebeu alguma mudança no comportamento dos estudantes após a pandemia de COVID-19? Pensa que o perfil dos estudantes permaneceu o mesmo?
- 7) Tem percebido maior dificuldade de atenção, foco e organização nas crianças? Em que circunstâncias? Consegue exemplificar?
- 8) Acha que é possível fazer alguma coisa em sala de aula para melhorar estas questões?
- 9) Você enfrenta muitas situações de conflito na sala de aula? A que atribui isso? Como faz para mediar essas situações?
- 10) Qual o maior desafio em ser professora nos dias de hoje?